

Ana Sofia Pereira Aguiar

Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar

Projeto de Prevenção na Área do Absentismo e Abandono Escolar, desenvolvido ao longo do Estágio na Câmara Municipal da Maia

Relatório apresentado à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, sob orientação da Professora Doutora Helena Costa Araújo

2016

Resumo

O presente relatório surge do culminar do estágio desenvolvido na Divisão da Educação da Câmara Municipal da Maia. A grande preocupação concetual em torno da qual todo o trabalho se desenvolveu é o abandono e absentismo escolar, problemática ainda bastante atual no nosso país. Assim, o objetivo do estágio passou por desenvolver uma medida preventiva na área do abandono e absentismo escolar para o Concelho da Maia, uma vez que este é ainda bastante afetado por estes problemas. Surgiu assim o *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono escolar*, um projeto que prevê um apoio tutorial entre jovens universitários/as e alunos/as do 7ºano a frequentar as escolas do Concelho da Maia. Um dos pontos fundamentais deste projeto assenta nas ações de formação direcionadas aos/às voluntários/as, por forma a evitar que os apoios tutoriais caiam nas habituais “explicações”, sendo estas inovadoras e diferentes, tentando trazer uma “lufada de ar fresco” a este sistema. Foram ainda efetuadas três entrevistas semiestruturadas a Diretores/as de escolas do Concelho da Maia, para uma breve apresentação do projeto e para uma troca de ideias sobre o mesmo, tendo sido feita, posteriormente, uma análise e discussão do conteúdo dessas mesmas entrevistas.

Abstract

The following essay results from the internship that took place in the Education Division of Maia's city hall. The main concern around which all the work has been focused is school abandonment and absenteeism, an issue that remains current in our country. As such, the goal for this internship has been to develop preventive measures for this problematic within Maia's county. This result in: *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar* (Among Youngsters - Prevent Absenteeism and School Abandonment), a preventive project that foresees tutorial support among college students and seventh grade students attending Maia county's schools. One of the main foundations for this project is to provide formation and guidelines to the volunteers, preventing these moments from becoming the usual "tutoring", being innovative and different and a true "breath of fresh air" to the system. Three additional semistructured interviews have been made to Maia County's school Directors, to briefly present the project and allow an exchange of ideas on the subject, followed by an analysis and content discussion of these same interviews.

Resumé

Le rapport suivant apparaît comme une conséquence de l'apprentissage développé dans la Division d'Enseignement de la mairie à Maia. La plus grande préoccupation conceptuel autour lequel le travail est se grandi a été l'abandon et l'absentéisme scolaire, un problème tout à fait courant au Portugal. L'objectif de l'apprentissage est le développement des mesures préventives pour le combat au abandon et absentéisme scolaire entre l'écoles de la mairie à Maia, une fois qu'on est toujours affecté pour ces problèmes. Le résultat a été *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar* (Parmi Jeunes - Empêcher l'Absentéisme et l'Abandon scolaire), un projet préventif qui prévoit des travaux dirigés pour les jeunes universitaires avec des étudiants qui fréquentent l'enseignement collégial (septième an). La principal différence fondamental associé à ce projet est l'organisation des actions de formation adressées à tous qui seront volontaires pour éviter que les supports tutoriaux se deviennent des explications habituelles, étant innovateurs et différentes, essayant d'apporter "une rafale d'air frais" à ce système. Pour accomplir les objectives propos, on a été aussi fait trois entretiens, semi structurées à quelques directeurs d'écoles de la mairie à Maia, pour faire une bref présentation du projet et pour un petit changement d'idées, ayant soit faits, un peu plus tard, l'analyse et discussion du contenu de ces mêmes entretiens.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à minha orientadora, Professora Helena Araújo, por todo o apoio dado ao longo desta jornada, pelas palavras de motivação e por acreditar sempre no meu trabalho e nunca me deixar desistir.

Agradecer à minha orientadora local, Dr^a Soraia Sousa, por me receber de uma forma tão acolhedora, por me apoiar em todos os momentos e por me permitir trabalhar ao seu lado.

À minha mãe e ao meu pai, meus pilares. Sem eles nada disto seria possível. Tenho de agradecer todo o amor e carinho, todas as palavras de força em todas as horas. A educação que me proporcionaram e tudo que sempre fizeram por mim. São a minha força e a eles devo tudo aquilo que sou e tudo aquilo que conquistei até aqui. São os melhores pais do mundo.

Aos meus avós, Júlia e Adelino, os melhores avós do mundo. As pessoas que mais me enchem de mimo e aqueles que estão sempre lá para tudo. Obrigada por me receberem em casa ao longo destes cinco anos de estudos e por fazerem por mim o possível e o impossível.

À minha prima Margarida por todos os momentos difíceis em que estive lá para mim. Em todas as madrugadas que passei a escrever este relatório e em que ela permaneceu ao meu lado, dando-me força e motivação para continuar mesmo quando o cansaço era muito.

Ao meu irmão, que apesar dos seus quatro anos de idade, inunda o meu mundo de amor e alegria e me faz querer continuar a ser sempre melhor. Agradecer também à minha madrasta por me mimar todos os fins-de-semana e acreditar que consigo realizar tudo aquilo que me proponho fazer.

Às minhas amigas, Marisa, Rosário, Letícia e Daniela, por estarem sempre dispostas a ouvir-me, por me darem apoio em todas as horas e me ajudarem em tudo aquilo que sempre lhes pedi. São o melhor que poderia ter.

Ao Tiago pelo amor constante, pelo apoio incondicional e por me fazer acreditar sempre nas minhas capacidades e que poderei atingir todos os meus objetivos.

Lista de Siglas

CCM – Câmara Municipal da Maia

CE – Ciências da Educação

DT – Diretor/a de Turma

EE – Encarregado/a de Educação

EJPAAE – *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*

NEE – Necessidades Educativas Especiais

TRD – Taxa de Retenção e Desistência

Índice

Introdução.....	17
I) Caraterização do Contexto de Estágio	21
1) Concelho da Maia.....	23
2) Divisão de Educação da Câmara Municipal da Maia.....	24
II) Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar	27
1) Como surgiu a ideia? Perceber as necessidades no Concelho da Maia.....	29
2) Pensar a melhor forma de colmatar essa(s) necessidade(s).....	30
III) Preocupações Concetuais	35
1) Juventude(s).....	37
2) Abandono e Absentismo Escolar: Uma problemática atual?	41
3) Participação Cívica	47
IV) Fundamentação Metodológica.....	51
1) A importância dos métodos de investigação: mapeando a intervenção	53
1.1) Análise Documental	54
1.2) Entrevistas Semiestruturadas.....	56
2) Desenho do Projeto de Prevenção <i>Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar</i>	57
3) A importância do apoio tutorial.....	60
4) Questões Éticas.....	62
5) Ações de Formação a Voluntários/as – Pertinência para o Projeto.....	63
5.1) Ação de Formação 1 – O trabalho a desenvolver	64
5.2) Ação de Formação 2 – Estratégias e métodos a adotar.....	69
V) Análise das Entrevistas aos/às Diretores/as.....	71
VI) Considerações Finais	81
VII) Referências Bibliográficas.....	89

Índice de Apêndices

Apêndice 1: Guião da Entrevista aos/às Diretores/as

Apêndice 2: Entrevista 1

Apêndice 3: Entrevista 2

Apêndice 4: Entrevista 3

Apêndice 5: Power Point's a utilizar nas ações de formação

Apêndice 6: “O meu horário”

Introdução

O presente relatório surge do culminar do estágio desenvolvido entre Outubro de 2015 e Fevereiro de 2016, na Câmara Municipal da Maia, mais especificamente, na Divisão de Educação, tendo este tido uma duração de 340h. Este estágio encontra-se inserido no Mestrado em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

O estágio curricular é uma modalidade integrada na formação académica e tem como premissa promover a aquisição e o desenvolvimento de competências profissionais através da integração do/a estudante em contextos e ambientes de trabalho. É aqui que se pede a estes/as que “abandonem as fronteiras da Faculdade e mostrem o que valem num contexto profissional” (Vaz, 2009: 59).

Desta forma é importante perceber que a escolha pela via profissionalizante do Mestrado em Ciências da Educação se deveu, em grande parte, à necessidade que senti de entrar em contacto com a realidade do mundo do trabalho, uma vez que ao longo da Licenciatura que frequentei, também em Ciências da Educação, foi um pouco mais difícil o contacto com instituições onde pudéssemos perceber como pôr em prática o que fomos aprendendo.

As preocupações que sempre me inquietaram ao longo da Licenciatura e que se foram aprofundando com a entrada para o Mestrado passam pela problemática do abandono e absentismo escolar. Deste modo, estando a frequentar o domínio *Juventudes, Educação e Cidadanias*, coordenado pela Professora Sofia Marques da Silva, esta temática faz todo o sentido, pois não só diz respeito aos/às jovens em geral, mas também a um problema que ainda afeta muitos/as destes/as em Portugal.

Tendo já realizado a Unidade de Contato do último ano da Licenciatura na Câmara Municipal da Maia, mais concretamente no *Projeto Maia Não Desiste*, que intervem com alunos/as das escolas do Concelho da Maia que estejam em situações de absentismo e abandono escolar, considerarei importante voltar e continuar a aprofundar conhecimentos nesta temática. Contudo, o projeto apenas atua quando este problema já existe. Assim, quando tive a oportunidade de regressar à Câmara Municipal da Maia, foi meu objetivo pensar medidas que prevenissem estes problemas, ou seja, que fossem implementadas ainda antes de os/as alunos/as incorrerem em trajetos de abandono ou absentismo escolar.

Foi com esta premissa que o Estágio se desenvolveu, tendo sido pensado e desenhado o Projeto *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*. Este projeto é uma medida preventiva do absentismo e do abandono escolar e surge como um complemento ao *Projeto Maia Não Desiste*. O trabalho conjunto e articulado destes dois projetos prevê uma diminuição destes problemas que ainda afetam o Concelho da Maia de uma forma bastante significativa.

Para uma melhor compreensão daquilo que irá ser desenvolvido ao longo do relatório, é essencial explicitar as partes em que este se encontra dividido e o conteúdo de cada uma delas. Assim, no capítulo 1, *Caracterização do Contexto de Estágio*, é feita uma breve síntese sobre o Concelho da Maia e algumas características que o definem e uma apresentação do local de estágio, sendo a Divisão da Educação da Câmara Municipal da Maia.

No Capítulo 2, intitulado *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*, demonstram-se as preocupações que levaram à necessidade de se pensar um projeto na área da prevenção do abandono e do absentismo escolar no Concelho da Maia, tentando perceber-se o que está a ser praticado pela autarquia neste sentido e a pertinência e urgência de se pensarem novas medidas para prevenir estes problemas, ou seja, formas de colmatar as necessidades sentidas.

No capítulo seguinte tem-se em conta as *Preocupações Concetuais* em torno das quais o trabalho desenvolvido e o relatório se desenrolam. O abandono e absentismo escolar são então a principal preocupação concetual, pois é sobre estes conceitos que o projeto desenvolvido se baseia e é sobre eles que pretendo refletir. A participação cívica é também um conceito-chave para o EJPAAE e que merece atenção neste relatório. O conceito de juventude(s) não poderia ser esquecido já que o público-alvo do projeto desenvolvido são jovens, além de que, devido ao domínio em que me inserido, todo o trabalho gira em torno destes/as e daquilo que os/as caracteriza e lhes diz respeito enquanto tal.

O quarto capítulo respeita à *Fundamentação Metodológica* e divide-se em metodologias de investigação (análise documental e entrevistas semiestruturadas) e em metodologias de intervenção (desenho do projeto de prevenção *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*, questões éticas e ações de formação). As ações de formação serão duas, sendo: Ação de Formação 1 – O trabalho a desenvolver e Ação de Formação 2 –

Estratégias e métodos a adotar. Neste capítulo faz-se também referência ao apoio tutorial, uma vez que o *Entre Jovens - Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*, se estrutura em torno deste método.

No capítulo seguinte irá ser feita uma *Análise das Entrevistas aos/às Diretores/as* de algumas escolas do Concelho da Maia, tendo como referência uma análise e interpretação dessas mesmas entrevistas, percebendo os pontos fundamentais que daí emergem.

Por fim, irei fazer algumas *Considerações Finais*, onde reflito sobre o trabalho desenvolvido, sobre aspetos positivos e negativos do processo de estágio, sobre a importância do papel dos/as Mediadores/as Sócioeducativos/as e da Formação em contexto Câmara Municipal e a relevância que estes/as podem ter no desenvolvimento de projetos no que concerne à educação e às dificuldades a que esta dizem respeito.

I) Caracterização do Contexto de Estágio

1) Concelho da Maia

“A investigação qualitativa assenta numa visão holística da realidade (ou problema) a investigar, sem a isolar do contexto «natural»” (Amado, 2014: 41). Fez-se então uma breve caracterização do Concelho onde o estágio decorreu, por forma a poder adequá-lo às suas características.

O Concelho da Maia pertence ao Distrito do Porto e é composto por dezassete freguesias. Este é um Concelho com uma população de 135 306 pessoas, sendo que 13.5% da população tem mais de 65 anos. A faixa etária entre os 0 e os 24 anos verifica uma taxa de 27%. Podemos verificar que o Concelho da Maia não é um Concelho envelhecido, tendo um número de crianças e jovens elevado. Desta forma, o investimento na educação torna-se essencial, para que estas crianças e jovens possam ter acesso a uma educação de qualidade¹

No respeito à caracterização socioeconómica do Concelho, verificamos que o setor primário tem um valor praticamente residual no seu contexto socioeconómico (0.6%). A atividade agrícola tem alguma visibilidade nas freguesias de Folgosa, São Pedro Fins e Silva Escura, onde se proporcionou uma especialização da produção agrícola, com um sistema organizado, modernizado e integrado no mercado nacional.

Por sua vez, o setor secundário está muito presente no desenvolvimento económico do concelho (25.3%) possuindo um dos maiores Parques Industriais do país e atingindo um lugar de liderança no investimento *per capita* a nível nacional. As empresas estabelecidas no concelho são muito diversificadas, distinguindo-se as indústrias transformadora, a construção, a indústria têxtil e as indústrias metalúrgicas. É de salientar ainda, a existência de empresas que desenvolvem tecnologia de ponta, como por exemplo, a fabricação de equipamentos elétricos e de ótica.

As atividades do setor terciário são as que apresentam maior peso na estrutura produtiva do Concelho da Maia (74.1%), tais como as comerciais, financeiras, transportes, armazenagem e comunicação, alojamento e restauração. No Concelho existem empresas

¹ Diagnóstico Social do Município da Maia - 2014

de comércio Grosso e a Retalho e de Reparações, empresas ligadas à imobiliária, alugueres e serviços prestados a outras empresas².

Podemos aferir o desenvolvimento social integrado de um determinado território através dos níveis de escolaridade. Assim, reportando-nos ao ano letivo 2011/2012, o Concelho da Maia tem uma população estudantil que ronda os 13 812 alunos/as no ensino oficial público (entre o 1º ciclo e o ensino secundário), distribuída da seguinte forma: 5064 alunos/as a frequentar o 1º Ciclo do Ensino Básico (36,7%); no 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico há registo de 6894 alunos/as (50%); e por último temos o Ensino Secundário com 1854 alunos/as, o que corresponde a 13,4% do total de alunos/as³.

O emprego mostra-se como essencial para a subsistência dos indivíduos, mas também para evitar situações de exclusão social. O número de desempregados/as inscritos/as nos Centros de Emprego da Maia era de 1926 em 2011, o que corresponde a 6,7% da população, um número bastante razoável, dado que só estamos a referir-nos aos/as inscritos/as nos Centros de Emprego da Maia. Além disto, o desemprego é um flagelo social que tem vindo a atingir proporções assustadoras. Estes números podem ter também impacto na educação, num sentido de desmotivação para a escola e para as aprendizagens quando os/as alunos/as percebem que muitos/as jovens que estudaram se encontram em situações de desemprego ou de empregos precários⁴.

2) Divisão de Educação da Câmara Municipal da Maia

O interesse de o estágio decorrer na Câmara Municipal da Maia surge de uma anterior unidade de contacto realizada nessa mesma instituição. Essa unidade de contacto decorreu no *Projeto Maia Não Desiste*, um projeto de intervenção na área do abandono e absentismo escolar. Comecei então a interessar-me por esta problemática aprofundando conhecimentos sobre a mesma durante o 1º ano do Mestrado, tendo demonstrado interesse em regressar à CMM numa linha preventiva, ou seja, com o intuito de pensar medidas que pudessem atuar com alunos/as ainda antes de estes/as incorrerem em situações de absentismo ou abandono.

² INE – Censos 2011

³ Vide nota 1

⁴ Vide nota 1

A Câmara Municipal da Maia e os seus serviços prosseguem, nos termos da lei,⁵ fins de interesse público municipal, tendo como objetivo primeiro a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento harmonioso de toda a população do Município.

É importante referir que o Presidente da Câmara Municipal da Maia⁶ tem como foco principal do seu mandato a educação. Como o próprio refere,

“a Educação constitui um pilar fundamental no desenvolvimento das capacidades individuais e coletivas e, concomitantemente, na construção de uma sociedade moderna, mais culta e qualificada, assente nos princípios da liberdade e da justiça, garantindo a todos as mesmas oportunidades”⁷,

sendo esta a entrada para um Concelho onde cada um possa ter acesso ao exercício da cidadania.

A Câmara Municipal da Maia encontra-se organizada em quatro Departamentos, sendo que o departamento onde o estágio em análise se realizou é o Departamento de Educação, Ação Social, Desporto e Cultura, mais especificamente na Divisão da Educação.

São competências da Divisão de Educação, entre outras⁸:

- a) Implementar as diretrizes da Câmara Municipal em matéria de educação;
- b) Assegurar uma boa interligação entre a Câmara Municipal e todos os intervenientes na comunidade escolar;
- c) Promover, em colaboração com os vários estabelecimentos de ensino, medidas que promovam o sucesso escolar e impeçam o abandono escolar;

Ao nível da educação, atualmente, a Câmara Municipal da Maia tem apostado em Atividades de Enriquecimento Curricular; no Programa de Gestão de Espaços Escolares da Maia (proGEEM) que prevê “a requalificação do parque escolar, que em breve ficará praticamente finalizada”⁹ e ainda o *Projeto Maia Não Desiste*.

⁵ Diário da República, despacho nº 2257/2013, artigo nº1.

⁶ Eng. António Gonçalves Bragança Fernandes

⁷ <http://www.cm-maia.pt/index.php/camara/coluna-presidente/o-presidente>

⁸ Despacho nº 2257/2013, artigo nº31

⁹ Vide nota 8

O *Projeto Maia Não Desiste* tem como objetivo combater o abandono e absentismo escolar de forma a minimizar os riscos da exclusão que lhe são inerentes, tornando-o num instrumento para a construção de oportunidades e possibilidades de integração social. Dessa forma, pretende promover a progressão escolar e formativa dos/as alunos/as sinalizados/as, em estreita colaboração com as Direções dos Agrupamentos Escolares, entre outras entidades relevantes para a resolução do problema, recorrendo sobretudo ao papel determinante do/a próprio/a aluno/a e da sua família. Contudo, este é um projeto que intervêm com alunos/as apenas quando estes/as já incorreram em processos de absentismo ou abandono sendo, por isso, uma medida de intervenção. Sente-se então uma necessidade crescente de se pensarem medidas preventivas, que atuem antes de o problema do abandono e do absentismo existir, numa tentativa de evitar que estes surjam no futuro. É desta necessidade que surge o projeto desenvolvido ao longo do estágio na CMM, um projeto que tem como objetivo a diminuição do absentismo e abandono escolar do Concelho da Maia.

II) Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar

1) Como surgiu a ideia? Perceber as necessidades no Concelho da Maia

Com a oportunidade de realizar o estágio na Câmara Municipal da Maia, tive a sorte de poder aprofundar conhecimentos numa temática que há muito me despertou interesse. Desta forma, tive acesso a diversos documentos e dados que me permitiram perceber um pouco melhor a problemática do abandono e absentismo escolar, sobretudo no Concelho da Maia.

Não podemos falar de taxa de abandono, pois o ensino em Portugal é obrigatório até o/a aluno/a concluir o 12º ano ou completar 18 anos de idade¹⁰, o que implica que estes/as, teoricamente, não possam abandonar a escola. Apenas se pode falar de abandono quando alunos/as saem da escola já com os 18 anos completos mas sem terem terminado o ensino secundário (ISCED 3). Esta taxa diz respeito à Taxa de Abandono Escolar Precoce, mas não se aplica à faixa etária analisada ao longo do presente relatório, pois este direciona-se a alunos/as que frequentem o 7ºano de escolaridade.

Teremos então de analisar a Taxa de Retenção e Desistência, que é relação percentual entre o número de alunos que não podem transitar para o ano de escolaridade seguinte, e o número de alunos matriculados, nesse ano letivo.¹¹ Analiso esta taxa, pois existe uma relação entre alunos/as que reprovam e alunos/as que desistem ou abandonam a escola, uma vez que a retenção “leva à diminuição da autoestima, prejudica o processo de socialização, contribui para a alienação da escola, e aumenta a probabilidade de eventual abandono” (Relatório técnico retenção). Além disso, também Abrantes nos diz que o insucesso e abandono escolar “são especialmente frequentes entre os jovens que experimentaram uma ausência de transição” (Abrantes, 2005: 35).

Tabela 1: Taxa de Retenção e Desistência do 3ºciclo – Anos Fulcrais

3º Ciclo	Portugal Continental	Zona Norte	Concelho da Maia
Ano Letivo 2004/2005	19.3%	19.5%	20.0%
Ano Letivo 2007/2008	13.7%	12.6%	13.5%
Ano Letivo 2011/2012	15.2%	13.2%	12.9%
Ano Letivo 2013/2014	14.9%	13.4%	15.9%

Fonte: DGEEC- Regiões em Números 2013/2014 Volume 1 - Norte

¹⁰ Lei nº85/ 2009, de 27 de Agosto.

¹¹ DGEEC- Regiões em Números 2013/2014 Volume 1 - Norte

Ao analisar os dados estatísticos respeitantes à Taxa de Retenção e Desistência de Portugal Continental, Zona Norte e do Concelho da Maia, percebemos que existem três anos letivos que são fulcrais. Assim, no ano letivo de 2007/2008 deu-se uma descida da TRD, tendo esta atingido os valores mais baixos tanto em Portugal Continental como na Zona Norte. Já no ano letivo de 2011/2012 a TRD voltou a subir, tendo baixado apenas um pouco no Concelho da Maia. Os últimos dados existentes dizem respeito ao ano letivo de 2013/2014, onde o Concelho da Maia registou uma TRD de 15.9%, sendo mais elevada do que a taxa de Portugal Continental, bem como da Zona Norte. Além disso, atingiu a taxa mais elevada de retenção e desistência do Concelho desde o ano letivo 2007/2008.

É perceptível que o ano em que a TRD volta a subir coincide com uma altura em que o país, bem como a Europa, entram numa crise económica que viria a afetar diversos fatores, entre eles a educação. Desta forma, “a conjuntura a que se assiste desde 2011, de redução do investimento público em educação e de retração dos orçamentos familiares, constituiu-se como uma conjuntura crítica para as políticas de educação” (Álvares e Calado, 2015: 227).

Com a análise da tabela acima apresentada percebe-se que o Concelho da Maia teve sempre taxas de retenção e desistência bastante elevadas, comparando com Portugal Continental e mesmo com a Zona Norte. Este torna-se então um fenómeno que necessita que nos debrucemos sobre e que precisa de medidas adequadas para poder ser combatido e prevenido.

2) Pensar a melhor forma de colmatar essa(s) necessidade(s)

O diagnóstico, ou avaliação diagnóstica, passa por um “conhecimento científico dos fenómenos sociais e a capacidade de definir intervenções que atinjam as causas dos fenómenos e não as suas manifestações aparentes” (Guerra, 2000: 129). Assim, após a análise dos dados estatísticos acima apresentados, percebe-se a urgência de prevenir o abandono e o absentismo escolar no Concelho da Maia.

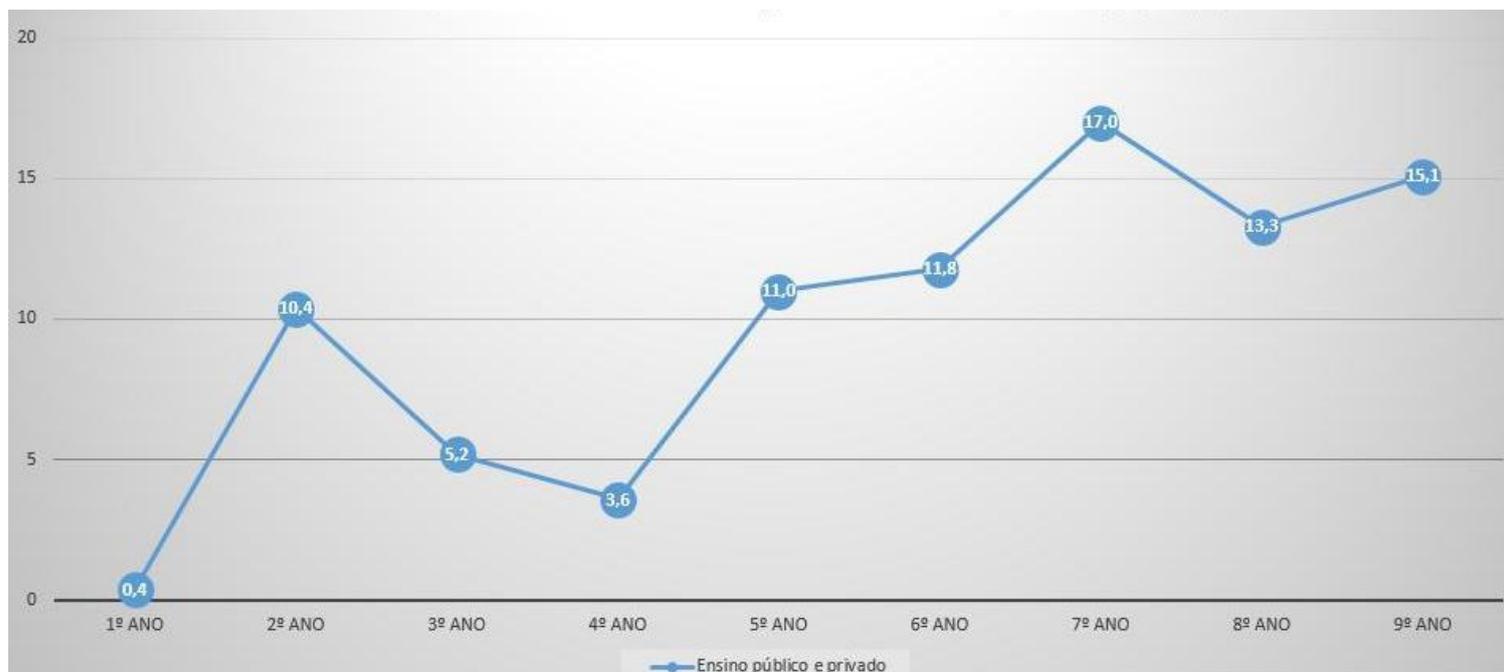
Apesar de a Maia ter uma autarquia bastante preocupada com as questões da educação e de já existir um projeto que tem como objetivo diminuir o abandono e absentismo escolar no Concelho, esta continua a ser bastante afetada por este problema. Sendo que os números na Maia, relativos a estes problemas, continuam a ser elevados,

sentiu-se necessidade de se desenhar um projeto de prevenção, ou seja, que atuasse ainda antes de os/as jovens incorrerem em situações de abandono ou absentismo.

Surge o *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar* (EJPAAE), resultado do interesse em pensar medidas de prevenção para uma problemática que já me era familiar no contexto em questão e por perceber que as taxas de retenção e desistência no Concelho continuam a ser bastante elevadas.

O EJPAAE tem como público-alvo alunos/as do 3º ciclo, mais concretamente que frequentem o 7ºano de escolaridade. O projeto direcionar-se-á para este ano de escolaridade, pois é um ano de transição entre ciclos (do 2ºciclo para o 3ºciclo) e “os maiores níveis de insucesso e de abandono se concentram no primeiro ano de cada ciclo” (Abrantes, 2005: 35). Abrantes diz-nos que se verifica sempre uma subida das taxas de insucesso no 1ºano de cada ciclo, contudo “a grande subida nas taxas de retenção ocorre no primeiro ano do 3ºciclo [7ºano]” (2005: 36). Isto pode ser comprovado no gráfico 1, abaixo apresentado, onde podemos ver claramente que a taxa de retenção e desistência é bastante elevada no 7ºano (17%), estando acima 1.9% da seguinte taxa mais elevada que se regista no 9ºano, sendo esta de 15.1%.

Gráfico 1: Taxa de Retenção e Desistência no Ensino Básico, por ano de escolaridade, em Portugal (2013/2014)



Fonte: DGEEC- Educação em Números. Portugal 2015

Um projeto deverá ser intencional, já que “é um estudo, em profundidade, de uma situação, de um problema ou de um tema. (...) Ao contrário de uma atividade ocasional, o projeto envolve uma articulação entre intenções e ações, entre teoria e prática, organizada num plano que estrutura essas ações” (Cortesão et al, 2002: 24). Foi com esta premissa que se estudaram as necessidades do Concelho para, posteriormente, se estruturar o EJPAAE, aliando a teoria a uma futura prática e tendo as ações bem definidas e delineadas, para que tudo se possa conjugar em perfeita harmonia.

Sabendo que um projeto consiste “[n]uma ideia para uma transformação de uma determinada realidade” (Cortesão et al, 2002: 26), o *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar* tem como objetivo primeiro (geral) diminuir as taxas de abandono e absentismo no Concelho da Maia, mudando a realidade do Concelho no que concerne a essas mesmas taxas. Assim, este prevê um apoio tutorial entre estudantes universitários/as, que se voluntariem para tal, a alunos/as do 7º ano a frequentar as escolas do Concelho.

Num projeto a definição dos objetivos é essencial, pois estes delimitam as nossas ações e atividades a desenvolver, para que se consiga uma intervenção melhor direcionada e assertiva. Assim, os objetivos têm “como missão prever, orientar, e preparar bem o caminho que se vai fazer, para o seu posterior desenvolvimento” (Serrano, 2008: 16). Os objetivos deste projeto passam por i) melhorar os resultados escolares dos/as alunos/as a frequentar as sessões de tutoria; ii) aumentar o sentido de pertença em relação à escola, no sentido em que estes/as possam sentir-se motivados/as para esta, bem como para aprender, percebendo que esta é o local ideal para as aprendizagens e para um desenvolvimento tanto cognitivo, quanto social e pessoal; iii) estimular nos/as alunos/as a criatividade, autonomia, autovalorização e autoestima, assim como valores como a solidariedade e a entreatajuda, iv) promover a organização do estudo e, ainda, v) permitir aos/às voluntários/as o contato com o terreno/ realidade, aumentando e melhorando as suas capacidades enquanto pessoas, cidadãos/ãs e futuros/as profissionais.

As metas a alcançar com a implementação do Projeto estão ligadas à melhoria dos resultados escolares dos/as alunos/as a receber apoio tutorial relativamente ao ano letivo transato, numa tentativa de, assim, evitar um futuro comportamento de

absentismo e abandono por parte dos/as mesmos/as, reduzindo assim as taxas de retenção e desistência no Concelho da Maia.

Barbier (1993) diz-nos que os projetos pedagógicos são uma via privilegiada de ação para quem pretende investigar uma transformação e para quem entende que essa transformação passa por pequenas e, por vezes, demoradas mudanças bastante específicas e limitadas, que implicam na sua condução atores e atoras empenhados/as, por forma a tocar os seus quotidianos. É neste sentido que o *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar* pretende atuar, em conjunto com os/as alunos/as e toda a comunidade escolar, com o objetivo de marcar os seus percursos e o seu quotidiano na escola, pretendendo tornar este espaço num espaço de motivação e bem-estar e num espaço em que os/as jovens se sintam confortáveis e sintam que é o local onde podem aprender e desenvolver-se a vários níveis como o social, o pessoal e o cognitivo. Apesar disso, coloca-se a questão: “poderá o trabalho desenvolvido em projecto constituir uma das propostas que contribua para oferecer aos alunos essa possibilidade de, para além de adquirirem conhecimentos, se desenvolverem e se interessarem pelo que estão a fazer na Escola?” (Cortesão et al, 2002: 11). Este é um dos grandes desafios deste projeto, pois queremos não só que os/as jovens adquiram conhecimentos tanto ao nível formal, quanto ao nível informal, mas queremos também que estes/as se interessem pela escola, pelas suas atividades e pelo seu projeto, percebendo que este poderá também ser o SEU projeto. Uma ligação positiva entre aluno/a e escola é fundamental para o sucesso escolar, mas também para o seu desenvolvimento pessoal e social, pois é aqui que se criam laços e se interage com os pares.

III) Preocupações Concetuais

1) Juventude(s)

No que concerne à juventude, os estudos sobre culturas juvenis têm conhecido nas últimas décadas um crescimento considerável (Silva, 2011). Assim, esta não existe como uma unidade social (Bourdieu, 2002) tornando-se, por isso, emergente o conceito de juventudes em detrimento de juventude, sendo-nos permitido “fugir à manipulação do conceito no singular, bem como compreender a multiplicidade de condicionantes (género, etnia, classe, geografia)” (Mota, 2013: 28), percebendo que, como nos diz Bourdieu (1978), “a juventude não é mais do que uma palavra”.

Desta forma, ao longo dos anos, foram existindo várias teorias que tentam compreender e explicar os/as jovens, o que estes/as fazem, a sua relação com e no mundo e o que os/as tenta definir enquanto grupo social.

A teoria geracional teve o seu pico nos anos 50 e 60 e indica a juventude como uma fase da vida, ou seja, homogeneizando a juventude como um grupo com a mesma faixa etária. Abrantes mostra-nos que “(...) a geração jovem se caracteriza por posições e disposições culturais desviantes em relação às normas dominantes na sociedade” (Abrantes, 2003: 26 e 27), sendo esta “detentora de códigos e padrões sociais homogéneos” (Mota, 2013: 29) utilizados para se insurgirem contra as normas dominantes da sociedade.

Em oposição a esta visão da juventude enquanto grupo homogéneo, surgem na década de 70, as teorias classistas. Abrantes (2003), considera que as práticas dos/as jovens estão diretamente relacionadas com as classes e os contextos de que estes/as são provenientes, sendo estas, assim, bastante diversificadas. Aqui, “as culturas juvenis são sempre compreendidas através dos antagonismos de classe, em que cada classe social procuraria reproduzir a sua condição social” (Mota, 2013: 30). Assim, nesta teoria, os/as jovens tendem a insurgir-se contra a cultura dominante.

As subculturas juvenis viram a sua emancipação no pós-II Guerra Mundial derivado a fatores como: “a massificação do ensino secundário e superior; o hiato/conflito de gerações criado pela guerra; a difusão dos *media* e da cultura de massas (...)” (Abrantes, 2003: 28). Para o *Birmingham Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS)*, a “‘authentic’ subcultural identity was understood as being expressed by youth in terms of a cohesive and collective cultural resistance to the dominant order”

(Huq, 2006: 10), sendo que estas surgem como culturas de resistência de classe a uma ordem dominante através da subversão dos valores de classe média. Assim, as subculturas dos grupos sociais mais desfavorecidos têm tendência a criar “‘modos de vida’ próprios, baseados em rituais, através dos quais desenvolvem resistências e contra-legitimidades” (Abrantes, 2003: 28), contra a cultura dominante e também contra a cultura local. Já os/as jovens das classes mais favorecidas não formam subculturas fechadas, mas sim um ambiente contra-cultural difuso, onde tendem a criar “ideais utópicos, éticas hedonistas e pluralistas, movimentos de resistência (...)” (Abrantes, 2003: 28).

Existem problemas metodológicos associados a esta teoria, já que foram mais as categorias de jovens excluídas nesta do que as incluídas (Huq, 2006). E no que toca à exclusão, as raparigas foram postas de parte ao longo de toda esta teoria, pois “CCCS work is the lack of consideration given to females” (Huq, 2006: 11), sendo estas apenas objeto de estudo quando pertinente para fundamentar a perspetiva masculina (Huq, 2006). Foi nesta senda que surgiu a necessidade de se pensarem teorias culturais feministas. Assim, o que maioritariamente as feministas tem feito, segundo Fonseca, passa por criticar “duramente os estudos culturais convencionais por descurarem as divisões de género em geral e as raparigas em particular” (2001: 20). Apesar disto, através das investigações nesta área, surge a “culture of the bedroom” (McRobbie e Garber in Huq, 2006: 12) ou a ‘cultura de quarto’, desta forma designada porque apesar de “as raparigas [serem] ativas, [existem] constrangimentos morais e de reputação, [o que as remete] para a esfera doméstica, do casamento e da família” (Mota, 2013: 32).

Considero que os/as jovens de hoje em dia se podem incluir em mais do que uma destas teorias. A teoria classista é ainda muito marcante, pois sabemos que os/as jovens são diretamente influenciados pelos contextos onde interagem e dos quais são parte integrante. Contudo, este facto não é uma fatalidade pois, apesar de estes/as serem influenciados/as por esses contextos, não significa que se guiem apenas pelos mesmos. Por isso, quando proveem de contextos desfavoráveis é fundamental que a escola, bem como toda a comunidade educativa intervenham de forma atempada e eficaz, para tentar fazer com que estes/as jovens consigam alcançar um futuro promissor, diferente do seu contexto de origem.

As subculturas, apesar de não considerarem as mulheres nos seus estudos, não deixam de ser interessantes e pertinentes na medida em que referem, também elas, a classe social como um fator marcante na vida dos/as jovens. Além disto, referem também uma resistência em relação à cultura dominante e penso que este facto é notório nas escolas, pois muitos/as jovens incorrem contra a cultura escolar (sendo esta a dominante), numa tentativa de darem voz àquelas que são as crenças e ideologias que sentem, muitas vezes, não serem ouvidas.

Importa então perceber que não se pode falar de jovens sem falar, quase que automaticamente, na escola e no/a aluno/a, uma vez que “(...) os jovens são primeiro que tudo, alunos, essa é a sua principal ocupação, o seu ‘ofício’, a atividade em torno da qual estruturam, em primeira instância, as suas práticas quotidianas e identidades” (Abrantes, 2003: 11 e 12) e, muitas vezes, a sociedade esquece-se que estes/as jovens antes de serem alunos/as são, precisamente, jovens, seres com ideias e ideais próprios, com vontades, desejos e sonhos que diversas vezes são ignorados e até abafados pela própria escola, pois sendo esta “dominada por uma lógica de eficácia, (...) tarda em reconhecer estes mundos e existências” (Silva, 2013: 160). A escola é direcionada, por pressões exteriores, para os rankings, o que nem sempre (ou quase nunca!) dá aos/às jovens espaço para que estes/as possam explorar-se e encontrar-se enquanto tal. Assim, os/as jovens acabam por ser encarados/as pela escola como seres estranhos, no sentido em que não tem os comportamentos esperados, ou seja, estes/as deveriam ser, pela lógica do sistema, alunos/as que não questionem, que não criem conflitos... basicamente, alunos/as que sejam apenas isso, seres homogéneos, ao invés de serem, também, jovens. É nesta medida que surge o conceito de estranheza, que nos dá uma “(...) ideia de transgressão, essencial para reconhecer o *outro* e o autorizar, denunciando, inevitavelmente, as instabilidades posicionais do *eu*” (Silva, 2013: 161). Segundo a autora existem três tipos diferentes de estranheza em relação ao mundo da escola, sendo: estranheza socioantropológica, estranheza socioinstitucional e estranheza estratégica.

A estranheza socioantropológica está ligada aos “(...) ‘estranhos’ da escola, aqueles que provocam *desmedidas* e precariedades numa determinada ordem estabelecida” (Silva, 2013: 162), sendo estes ‘estranhos/as’ as minorias, aqueles/as que antes da expansão da escola, não a frequentavam. Assim, podemos destacar os/as alunos/as vindos de bairros, os/as ciganos/as ou, mais recentemente, com o aumento das migrações, os/as que vêm

de outros países e que têm dificuldade em integrar-se na escola. Silva (2013) destaca, neste tipo de estranheza, a corporeidade ou o movimento dos corpos, uma vez que estes são para os/as jovens uma fuga ao anonimato recorrendo ao corpo para irem contra as regras.

A estranheza socioinstitucional surge numa “(...) relação de oposição a uma ordem institucional e a uma norma especificamente escolar (...)” (Silva, 2013: 163), ou seja, os/as alunos/as sentem-se ‘prisioneiros/as’ na escola, e optam, então, por lutar contra esta norma que a escola quer que eles sigam. A grande dificuldade é o crescente aumento das diversidades dentro da escola, o que torna mais difícil o ‘controlo’ destes/as jovens. Assim os/as jovens, estão entre tensões que os/as obrigam a fazer escolhas, e a sacrificar partes de si que não são compatíveis com a figura institucional da escola (Silva, 2013).

Por último, a estranheza estratégica está ligada à capacidade que os/as jovens têm de criar escolas transversais dentro da escola institucional, ou seja, criam uma “(...) escola significada das amizades, dos amores, da participação de outra instância, mesmo não reconhecida pela própria escola (...), revelando uma escola enquanto lugar onde se permite a recriação” (Silva, 2013: 165).

Os três tipos de estranheza apresentados são evidentes na instituição escolar. É um facto que esta teve (ainda tem?) dificuldade em adaptar-se à diversidade que adveio do alargamento do ensino. Talvez por isso, muitos/as jovens se sintam ainda à margem daquilo que é a escola e o projeto educativo, não se sentindo integrados/as numa escola que deveria ser para todos/as. Talvez por isso (ou apesar disso), os/as jovens sintam necessidade de incorrerem em comportamentos que se oponham à escola e à sua cultura enquanto instituição. Assim, estes/as criam a sua própria escola dentro da escola, lugar onde se libertam e onde (re)criam identidades, pretendendo mostrar pontos de vista e posições, criando as suas próprias formas de participação.

O que importa salientar sobre as juventudes é que estas já não se definem apenas por uma faixa etária, cujo objetivo é transitar para a idade adulta já que “os processos de transição juvenis para o mundo adulto, não tendo abandonado por completo os estatutos de passagem tradicionais, sofreram novas atualizações” (Silva, 2008: 33), podendo esta ser (e sendo muitas vezes) estendida no tempo. Atualmente as juventudes são um grupo heterogéneo de diferentes condições económicas, classes sociais, de diferentes origens,

tendo por isso de ser entendidas sob o efeito de todas estas condicionantes. A escola e o percurso escolar são parte integrante e fundamental daquilo que define as juventudes, pois é comum a todos/as os/as jovens, uma vez que é obrigatória. Assim, entender os processos de abandono e absentismo torna-se fundamental já que este continua a ser um problema que afeta muitos/as dos/as alunos/as em Portugal.

2) Abandono e Absentismo Escolar: Uma problemática atual?

Ao longo dos anos, a escola, bem como o sistema educativo, têm sofrido diversas alterações. Essas alterações têm sempre adjacentes a si as políticas educativas que as definem. Assim, “a escolaridade obrigatória, (...) foi ao longo dos últimos 40 anos o principal fundamento das políticas de educação, [tendo como preocupações] a igualdade de oportunidades, a equidade e a qualidade do serviço público de educação [bem como] os resultados e o sucesso escolar” (Rodrigues et al, 2015: 35).

Importa então perceber que uma grande mudança no sistema educativo deu-se por volta de 1974, com a queda da ditadura em Portugal, o que veio a “revelar-se como uma janela de oportunidade para acelerar o movimento de democratização do acesso ao ensino” (Rodrigues et al, 2015: 44). Neste sentido, as políticas visavam “dotar o sistema educativo dos recursos e dos meios necessários à entrada de um número sempre crescente de alunos, cumprindo percursos escolares mais longos” (Rodrigues et al, 2015: 36). Falamos então do início da escola de massas, em que o Estado intervém na educação escolar, “tornando-a obrigatória, universal, laica e gratuita” (Araújo, 1996: 162).

Com o alargamento da escola para todos/as, surgiram novos problemas no sistema educativo. Se é verdade que este alargamento teve como finalidade proporcionar uma maior igualdade social a todos os indivíduos, por outro lado a “organização uniforme de currículos, programas e avaliações, por parte das instituições escolares não se revelou adequada para servir a heterogeneidade do público a que se destinava [uma vez que estas estavam] destinadas a alunos com um perfil padronizado e ideal” (Mendonça, 2007: 397). Aqui, a escola assumia um “(...) papel relativamente passivo” (Coleman, 2011: 142), pois ao assegurar um currículo comum e ao «disponibilizar» às crianças e jovens a oportunidade de aprender, confer[ia] a estes/as a “(...) a obrigação de «aproveitar a oportunidade»” (Coleman, 2011: 142), responsabilizando-os/as pelo seu sucesso ou insucesso escolar.

Tornou-se então premente pensar outros conteúdos que pudessem ser adaptáveis a uma maior diversidade de jovens. É nesta senda que as políticas mudaram o seu foco da promoção do acesso à escola para todos/as (uma vez que já todos/as frequentavam o sistema de ensino), passando a focar-se em “questões relativas à oferta educativa e curricular, [centrando] a intervenção mais claramente ao nível das estratégias de ensino-aprendizagem” (Álvares e Calado, 2015: 199), já que o objetivo se traça agora por manter todos/as na escola. Estas estratégias passam por pensar que a escola se deverá adaptar à procura, sendo a diversidade curricular uma condição fundamental do sucesso, pois esta será capaz de combater o insucesso¹².

Várias outras medidas foram tomadas ao longo dos anos com o intuito de promover o sucesso escolar, como a criação de escolas TEIP, os apoios sociais dados a alunos/as com dificuldades económicas, apoio psicológico disponibilizado pelas próprias escolas, a diversificação das vias de ensino havendo uma maior escolha para os/as jovens de caminhos a seguir, autonomia das escolas, entre outras.

Apesar de todos os esforços e medidas tomadas para promover o sucesso escolar, a verdade é que “diversos relatórios recentes, nacionais e internacionais, têm demonstrado que o insucesso e o abandono escolares permanecem como fenómenos massivos, no sistema educativo português” (Abrantes, 2009: 33). Já que o insucesso escolar continua a ser um problema que atinge proporções bem mais elevadas que o desejado, é importante tentar perceber o fenómeno e os motivos pelos quais este continua a ter uma incidência tão marcante no sistema de ensino do nosso país.

É fundamental mencionar que a crise financeira que atingiu a Europa, incluindo Portugal, em 2008, teve um forte impacto negativo na educação, uma vez que houve uma redução de investimento público na educação e as condições de vida das famílias deteoraram-se consideravelmente o que conduziu “ao aumento da taxa da pobreza infantil, altera[ndo] as condições sociais existentes nas escolas e os riscos de insucesso e abandono escolar” (Álvares e Calado, 2015: 227). Deu-se, então, um retrocesso na educação nunca antes visto desde que se implementou a Lei de Bases do Sistema Educativo (1986), pois a escola “demitiu-se” das suas responsabilidades, parecendo assim iniciar-se “um movimento de contração que representa inversão da tendência de evolução do sistema educativo e formativo” (Álvares e Calado, 2015: 228), voltando a

¹² DAR, I Série, nº 83/VII/1996/Junho/2803

apostar-se novamente nas disciplinas consideradas fundamentais e na avaliação e certificação de competências, esquecendo todas as outras vertentes da formação integral, como o desporto, as artes e o desenvolvimento do/a aluno/a enquanto pessoa e cidadão/ã, tendo apenas em conta o/a futuro/a trabalhador/a a inserir no mercado de trabalho.

É pertinente fazermos referência ao insucesso neste relatório, uma vez que este se encontra, quase sempre, associado ao abandono escolar, pois “alunos que abandonam [a escola] têm problemas com [esta]” (Justino e Rosa, 2009: 27). Neste sentido, diversos autores dizem-nos que se compreende abandono escolar pela saída precoce de um/a aluno/a do sistema de ensino (Rocha, 2011). Desta forma, o insucesso escolar no sistema educativo português é atribuído ao facto de os/as alunos/as não alcançarem as metas/ objetivos dentro do tempo estipulado (ano letivo), traduzindo-se pelas taxas de reprovação, repetência e abandono escolar (Alexandre, 1999). Posto isto, e sabendo que a retenção parece preceder o abandono escolar¹³, e que a retenção se deve ao insucesso do/a aluno/a ao nível da obtenção de notas positivas que lhe permitem transitar de ano, é fundamental trabalharmos ao nível do sucesso dos/as jovens, por forma a prevenir tanto a retenção, como o possível posterior abandono escolar.

Neste sentido, temos de perceber que o “insucesso escolar não é redutível à sua visualização imediata, devendo ser tomado como algo complexo que resulta de disfuncionalidades presentes no indivíduo, escola e sociedade e ainda da forma como estas três entidades se articulam” (Alexandre, 1999: s/p). Temos, por isso, de deixar de atribuir a culpa e as causas do insucesso aos/às alunos/as, aos/às professores/as, à família ou ao estrato socioeconómico em que o/a jovem se insere, pois estas raramente aparecem isoladas, mas antes tendem a “misturar-se num quadro de interações, ora em processo de cruzamento de interesses, ora em dinâmicas de conflito, em que diversas causas concorrem para o mesmo fim” (Azevedo, 1999: 14).

Assim, o problema do insucesso passa por três realidades que deverão ser tidas em atenção: “o aluno, o meio social e a instituição escolar” (Sil, 2004: 21), sendo uma junção destes fatores.

¹³ PNAPAE, 2004

A partir da 2^a Guerra Mundial e até ao final da década de 70 do século passado, o/a aluno/a era o principal responsável pelo insucesso escolar. Desta forma, “o sucesso/insucesso é justificado pelas maiores ou menores capacidades dos alunos, pela sua inteligência, pelos seus dotes naturais” (Benavente, 1990: 716), sendo atribuído à falta de capacidades cognitivas. Apresentam “frequentemente problemas de aprendizagem (...), fraca capacidade de comunicação oral e escrita e problemas desajustados, tais como, indisciplina, desobediência, procura de conflitualidade, irritabilidade excessiva e reações negativas ao stress” (Pereira, 2011: 28). Além disto, podem ser jovens que demonstrem dificuldades de adaptação ao contexto escolar, sentindo-se desmotivados/as para a escola e para a questão das aprendizagens.

No que respeita ao meio social e aos fatores sociais, estes tem uma enorme importância no sucesso ou insucesso dos/as alunos. Aqui podemos incluir a comunidade em que estes/as se inserem, a família, bem como o grupo de pares. Todas estas vertentes tem influência direta no (in)sucesso dos/as jovens.

A comunidade e família desempenham um papel fulcral na vida escolar dos/as alunos/as, já que é nestes contextos que o/a jovem cresce e se desenvolve, adquirindo uma série de ideias e ideais, formas de estar no mundo, e é aqui que ganha uma visão (seja positiva ou negativa) sobre a escola e sobre o mundo escolar.

“As famílias (...) têm um papel único (...) de reproduzir sociedades humanas e fornecer condições que possibilitem suas inovações e mudanças” (Young, 2007: 1288). Esta pode então interferir com o sucesso ou insucesso do/a seu/sua educando/a no que concerne ao seu ambiente familiar, ao seu nível socioeconómico ou às atitudes face à escola que os pais e as mães possuem. Assim, um ambiente familiar que seja disfuncional, onde as interações sejam confusas, violentas ou conflituosas, tem uma maior probabilidade de provocar no/a jovem problemas ao nível da cognição, do equilíbrio emocional, afetivo, de comportamento, podendo também provocar problemas físicos (Amado e Freire, 2002). Esta instabilidade e os problemas a ela associados poderão influenciar o desempenho escolar do/a jovem.

No que respeita ao nível socioeconómico da família, este adquire grande importância, pois irá ditar as condições em que o/a aluno/a pode frequentar a escola. Para os/as jovens que provenham de uma família de condições económicas mais baixas, segundo Bourdieu (1984) a realidade escolar é encurtada e cheia de constrangimentos.

Combinando uma má relação com a cultura escolar e as enormes dificuldades materiais, muitos/as destes/as jovens acabam por abandonar prematuramente a escola, como meio de ingressar a vida adulta. Assim, estes/as não terão acesso (pelo menos de forma tão facilitada) aos mesmos materiais escolares, facilidade em aceder à internet a partir de casa ou mesmo possuir um computador, ou ter o conforto necessário que lhe permita estudar. Além disto, o facto de o dinheiro ser escasso, pode contribuir para um afastamento da escola, uma vez que poderá existir uma forte necessidade de o/a jovem ingressar no mundo do trabalho, por forma a poder subsistir e ajudar a sua família monetariamente, já que “(...) os jovens assumem os empregos restritos e frequentemente sem sentido disponíveis, através de formas que lhes parecem sensatas em seu mundo familiar, tal como ela é realmente vivida” (Willis, 1991: 210).

No que concerne às atitudes que os pais apresentam face à escola, se estas forem de interesse pelo trabalho escolar dos/as filhos/as e se envolverem na vida escolar, participando nas reuniões solicitadas pela escola, se tiverem expectativas elevadas relativamente ao sucesso dos/as seus/suas educandos/as, estas poderão levar à estimulação dos/as jovens para a aprendizagem (Villas-Boas, 2001). Desta forma, mostra-se fundamental que as mães e os pais se mostrem interessados pela vida escolar dos/as filhos/as, ajudando-os/as a projetar visões do seu futuro e mostrando-lhes que a escola e o sucesso escolar são a chave para atingir os objetivos que projetam.

Também o grupo de pares exerce uma forte influência na vida dos/as jovens. Assim, este tanto pode ter um impacto positivo no que refere ao sucesso escolar dos/as jovens, como um impacto negativo. Isto depende do tipo de grupo que estes/as integram. Se integrarem um grupo de pares que se mostre interessado pela escola e pelas aprendizagens, isso irá nutrir no/a jovem também um gosto por estas matérias, ajudando-o/a a alcançar sucesso escolar. Mas se, por outro lado, o/a jovem integrar um grupo de pares cujos elementos demonstrem comportamentos desviantes, mostrando baixo (ou nenhum) interesse pela escola e tendo abandonado esta de forma precoce, este/a apresentará maiores possibilidades de insucesso escolar, bem como de incorrer em situações de abandono (Sousa, 2003).

A escola, como instituição que tem como missão ajudar os/as jovens no seu desenvolvimento enquanto alunos/as, mas também enquanto pessoas, tem um papel ativo no que respeita ao (in)sucesso dos/as jovens que a frequentam. Assim, a escola,

bem como os/as professores/as, deverão ser capazes de criar um ambiente que seja propício ao sucesso dos/as jovens, ou seja, que os/as cativa para a escola e para as suas atividades. Neste sentido, a escola deverá (ou deveria) ser capaz de criar estratégias e atividades que correspondam aos gostos e interesses dos/as jovens, puxando-os/as para a comunidade escolar.

O insucesso curricular dos/as alunos/as traduz-se em reprovações constantes. Como nos diz Pinto (1995), a reprovação causa sentimentos de desalento nos/as alunos/as, reduzindo a autoestima, adquirindo o estatuto de “incapaz” perante os/as colegas e a sociedade, sofrendo ainda o golpe de deixar de integrar o grupo do qual fazia parte tendo de, no ano letivo seguinte, integrar-se num outro grupo, “aumenta[ndo] a distância entre a idade cronológica e a idade escolar, e quanto maior for a diferença, mais improvável se torna a conclusão de um ciclo completo de ensino” (Zago, 2000: 27), pois acabam por não ter nada em comum com o novo grupo que se viram forçados/as a integrar.

Parece haver uma relação direta entre absentismo e abandono, sendo que o primeiro antecede o segundo. Assim, o absentismo consistirá na repetição constante de faltas de comparência às aulas. Já o abandono definir-se-á por um período de ausência alargado por parte do/a aluno/a, sendo que este afastamento poderá tornar-se irreversível (Justino e Rosa, 2009). O absentismo e/ou abandono parecem ter derivadas causas, podendo estas ser ao nível pessoal, ou seja, do indivíduo, ao nível social e ao nível escolar, precisamente as mesmas causas do insucesso escolar, o que faz todo o sentido já que, normalmente, tudo começa com o insucesso escolar, desenrolando-se para as retenções e tendo como término o absentismo e conseqüente abandono escolar.

Percebemos então que é necessário intervir ao nível do insucesso escolar dos/as jovens, através de estratégias que os/as cativem para o contexto escolar, bem como para as aprendizagens. Assim, previnem-se (ou tentam-se prevenir) as retenções, cujos efeitos poderão ser devastadores para os/as jovens, levando-os, numa maioria das vezes, a incorrer em situações de absentismo e posterior abandono.

Sendo que “o abandono escolar é um problema económico, social e humano que alimenta situações de desigualdades sociais, precariedade de empregos, baixa produtividade e baixa competitividade que se refletem na sociedade e no desenvolvimento do país” (Vicêncio et al, 2004: 17) é essencial pensar formas de

prevenir estes problemas, para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, prevenindo a entrada destes/as jovens em trabalhos precários e instáveis, que os/as levem a “(...) intervala[r] inserções provisórias no mundo do trabalho com desinserções periódicas” (Pais, 2005: 15), onde estes/as se vejam obrigados/as a abdicar da estabilidade garantida por benefícios assistenciais, sujeitando-se, então, a um trabalho pautado por insegurança e informalidade, onde os seus direitos não sejam assegurados, acercando-se a “(...) zonas-sombra da sociedade, da chamada economia subterrânea, em que se pode trabalhar e ganhar algum dinheiro sem o declarar para o efeito de impostos” (Pais, 2005: 16). É, então, importante garantir o sucesso dos/as alunos/as e a sua permanência no sistema de ensino, por forma a prevenir este tipo de situação, tentando-lhes garantir um futuro mais promissor e onde as suas condições económicas e sociais possam melhorar.

3) Participação Cívica

Para falarmos de participação cívica temos de falar de cidadania, já que uma é condição da outra, ou seja, apenas poderá existir participação cívica efetiva quando a cidadania for democrática e direito de todos/as. Assim, a forma como a cidadania foi sendo encarada ao longo dos tempos tem sofrido alterações. Desde o início, esta é encarada com um estatuto legal ou social. Apesar disto, é importante perceber que “a noção de cidadania vem-nos de uma época em que não se pensava que todos deviam ser cidadãos” (Perrenoud, 2002: 26), sendo esta direcionada apenas a um grupo restrito de privilegiados. Neste sentido, existe no mundo contemporâneo a demanda por uma noção de cidadania mais abrangente, onde a diversidade cultural é um mote contínuo, pelo que se deve promover não só uma vivência plena da cidadania, mas também o reconhecimento de uma ontologia social capaz de legitimar, aceitar e reconhecer as relações sociais, os grupos e os indivíduos (Stoer e Magalhães, 2005: 89). A cidadania começou então a ser entendida como universal, contudo existe ainda uma “forte tensão entre cidadania entendida como universalidade e inclusão de todos/as e os outros dois sentidos, da valorização da homogeneidade sobre diferenças, e o tratamento igual” (Araújo, 2007: 97), pois há sempre a possibilidade de ocorrerem exclusões a grupos que não sigam as regras da universalidade. Importa também referir que não se pretende uma homogeneização dos/as cidadãos/ãs, pois isso seria aniquilar a diversidade e polifonia da cidadania.

No que concerne à educação para a cidadania é esperado que a escola contribua para que cada jovem possa concretizar o seu potencial enquanto indivíduo bem como enquanto cidadão/ã, uma vez que as condições para uma cidadania efetiva devem ser criadas a partir da educação, nomeadamente da educação formal e dos valores transmitidos pela escola. Estas condições são adquiridas através de direitos básicos como: “(...) right to individual enhancement (...), right to be included, socially, intellectually, culturally and personally (...), and the right to participate” (Bernstein, 1996: 6 e 7). O direito à valorização individual é um pressuposto fundamental para a criação de confiança no indivíduo uma vez que, com uma maior confiança em si mesmo/a, este/a tem a capacidade de testar e ultrapassar os seus próprios limites. O direito à inclusão é uma condição essencial para uma vivência plena da cidadania numa comunidade, pois torna-se imperativo o indivíduo sentir que é aceite com as suas idiossincrasias. Por conseguinte, a participação é uma condição de prática cívica necessária para a realização individual do sujeito. Assim, “a questão do insucesso escolar opõe-se necessariamente à educação para a cidadania, pois existem saberes e competências a adquirir que são condições necessárias para o exercício e vivência exigente” (Pinto, 2009: 25). É também com esta preocupação que o *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar* pretende aumentar o rendimento escolar dos/as alunos/as, por forma a evitar retenções e desinteresse pela escola. Sabemos que esta é a forma mais eficaz de prevenir situações de exclusão e os riscos que a esta são inerentes.

Atualmente “estamos a assistir à emergência e desenvolvimento de novas formas de participação que não se restringem aos contextos participatórios convencionais” (Malafaia et al, 2012: 59), o que nos mostra que, ao contrário do que vários estudos têm apontado, os/as jovens envolvem-se e participam civicamente, apenas não nos contextos mais tradicionais, fazendo eles/as as suas próprias instituições e formas de participação. Neste sentido, o voluntariado pode ser uma forma que os/as jovens encontrem para poderem participar e mostrar a sua vontade de ajudar a sociedade em que se inserem, uma vez que “o voluntariado é uma atividade educacional informal, de participação cívica, associativa e política onde os jovens têm um papel ativo de participação numa realidade e contexto específicos, podendo transformá-lo” (Jardim, 2014: 14). É, então, importante perceber que “o modo como cada pessoa se sente, ou não, cidadã e as conceções de cidadania que desenvolve são influenciadas pela perceção sobre as

oportunidades e recursos de participação” (Malafaia et al, 2012: 88). Assim, o voluntariado é uma forma de reforçar a participação cívica sendo ”igualmente capaz de ajudar a desenvolver um sentimento de pertença (...) em relação à sociedade onde [os/as voluntários/as] estão inseridos” (Chambel, 2011, 120).

O *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar* têm como base o voluntariado por parte de jovens estudantes universitários/as, pois “os voluntários constituem um dos mais valiosos recursos activos de qualquer país, por serem expressão essencial de participação cívica e de democracia” (Chambel, 2011: 120), além de que o voluntariado traz mais-valias para os/as próprios/as voluntários/as, uma vez que “as actividades voluntárias constituem uma experiência de aprendizagem não formal de grande riqueza, capaz de desenvolver capacidades e competências, reforça[ndo] ainda o sentido de solidariedade [e] desenvolve[ndo] competências sociais” (Chambel, 2011: 120). Esperamos então poder estar a ajudar estes/as jovens a tornarem-se cidadãos/ãs ativos e preocupados/as com as questões que afetem a sociedade a que pertencem, tendo olhares mais atentos e preocupados e sendo capazes de atuar e intervir quando assim de mostrar necessário.

IV) Fundamentação Metodológica

1) A importância dos métodos de investigação: mapeando a intervenção

Toda a intervenção, para ser uma intervenção de qualidade, informada e pertinente, requer uma prévia investigação sobre o contexto e sobre as pessoas que irão fazer parte dessa mesma intervenção. Além disto, é fundamental que o/a profissional esteja informado/a sobre a forma correta de atuar naquele determinado contexto, tendo sempre em conta um referencial teórico adequado à realidade em questão. Assim, podemos assumir que nas Ciências da Educação, intervenção e investigação deverão andar de mãos dadas.

No decorrer do estágio, senti sempre necessidade de estar constantemente a pesquisar material que me pudesse ajudar no desenvolvimento de estratégias para efetuar uma ação pertinente ao longo do mesmo. Assim, comecei por aceder a dados estatísticos que me mostraram que os números de retenção e desistência no Concelho da Maia são ainda elevados¹⁴. Com estes dados, e já com um interesse anterior nas questões do abandono e do absentismo escolar, comecei a pesquisar, a ler livros e documentos sobre esta problemática que me pudessem ser úteis para pensar e desenvolver um trabalho eficaz e de valor na área da prevenção do absentismo e do abandono escolar.

É fundamental analisar os métodos e técnicas de investigação utilizados, por forma a perceber a importância que estes tiveram na concetualização do EJPAAE, tendo sempre como base e linha condutora as Ciências da Educação e os seus referenciais teóricos.

Importa referir que como mestranda em Ciências da Educação me coloco num paradigma qualitativo, mais concretamente no paradigma fenomenológico-interpretativo, já que este se centra “na compreensão das intenções e significações – crenças, opiniões, perceções, representações, perspetivas, conceções, etc – que os seres humanos colocam nas suas próprias ações, em relação com os outros e com os contextos *em que e com que* interagem” (Amado, 2014: 40 e 41). Além disso, “a partir deste paradigma e das opções que no seu interior se tomam se podem recolher, reconhecer e interpretar dados com outra proximidade” (Silva, 2010: 52) e este foi sempre o meu intuito ao desenhar o EJPAAE, já que fui às escolas tentar perceber a visão dos/as

¹⁴ Ver tabela 1

Diretores/as sobre o abandono e absentismo escolar, as perspectivas que tem sobre este problema, as suas opiniões. Era meu objetivo chegar aos/às alunos/as informada e dotada de conhecimentos adquiridos no contexto. Desta forma, o mais próximo que consegui chegar, já que o estágio decorreu num contexto formal, logo mais rígido e fechado, foi entrevistar Diretores/as das escolas que, estando diariamente no contexto, tem um melhor conhecimento sobre o mesmo, sobre as dificuldades sentidas e sobre a sua comunidade escolar, incluindo os/as alunos/as. Assim, optei por técnicas, também elas qualitativas, como sendo a análise documental e a aplicação de três entrevistas semiestruturadas a dois Diretores, uma Diretora e uma Subdiretora de três agrupamentos de escolas do Concelho da Maia. Desta forma, o objetivo da utilização destas técnicas passou por “compreender os sujeitos com base nos seus pontos de vista” (Bogdan & Biklen, 1994: 54), isto é, procurando os diferentes significados que estes/as Diretores/as atribuem ao Projeto por mim apresentado, tentando perceber os seus pontos de vista sobre o mesmo, por forma a tentar entender, através dos seus olhares, se este projeto será pertinente e adequado ao público-alvo e se chegará aos/às alunos/as da forma que é pretendido, ajudando-os/as a obter sucesso nos seus percursos educativos, enquanto estudantes e enquanto pessoas.

Em seguida falar-se-á da análise documental e da importância que esta teve para o desenvolvimento do EJPAAE.

1.1) Análise Documental

Segundo Charlot (2006: 10) “a pesquisa em Educação (ou sobre educação) produz um saber, rigoroso como o é todo saber científico (...)” ou seja, o discurso científico utilizado sobre a educação não pode ser um discurso de opinião, mas antes um discurso fundamentado. Para que seja possível intervir em determinada área é necessário previamente elaborar uma revisão bibliográfica, procurando documentos que sustentem aquilo que queremos investigar, mapeando o campo de intervenção.

A recolha documental tem como pressuposto complementar informações já recolhidas ou obter novas informações (Ludke e André, 1986). No EJPAAE, a recolha documental foi fundamental para poder obter informações, por forma a ser possível delinear e desenhar o projeto de uma forma sustentada, contextualizada e informada.

Assim,

“document analysis is a systematic procedure for reviewing or evaluating documents— both printed and electronic (computer-based and Internet-transmitted) material. Like other analytical methods in qualitative research, document analysis requires that data be examined and interpreted in order to elicit meaning, gain understanding, and develop empirical knowledge” (Glenn, 2009: 27).

No que concerne ao *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*, foi necessário, inicialmente, analisar documentos que respeitassem às características e ao papel das autarquias relativos à educação. Analisei alguns Decretos-Lei que me pareceram essenciais para a temática, como o Decreto-Lei nº77/84¹⁵ e o Decreto-Lei nº 30/2015¹⁶, bem como documentos relativos às escolas do Concelho, sendo os projetos educativos das mesmas.

Foi da máxima importância realizar uma análise a dados estatísticos referentes à Taxa de Retenção e Desistência, tanto no Concelho da Maia, como na Zona Norte e em Portugal Continental, por forma a poder fazer uma comparação entre elas. Foi desta forma que percebi que a TRD na Maia é a mais elevada das três zonas analisadas, sendo por isso evidente a necessidade de um projeto de prevenção nesta área.

Com estes dados em mãos, foi então essencial analisar documentos, tanto na área do abandono e absentismo, como relativos ao insucesso escolar e suas consequências. Além disso, pesquisar sobre apoio tutorial e/ou tutoria mostrou-se também premente, já que o projeto prevê este método como base de trabalho.

Já que o EJPAAE passa por um trabalho voluntário de jovens estudantes, tive de pesquisar sobre voluntariado e seus pressupostos, bem como sobre participação cívica, pois estes/as jovens, ao mostrarem disponibilidade e interesse em voluntariarem-se para ajudar alunos/as mais novos/as, mostram uma grande iniciativa e interesse por questões de participação e cidadania.

Ler e reler documentos sobre juventude(s) foi uma constante, pois não seria possível idealizar e projetar um projeto para jovens sem que a leitura sobre estes/as

¹⁵ Estabelece o regime de delimitação e de coordenação das atuações da Administração Central e Local em matéria de investimentos públicos

¹⁶ Estabelece o regime de delegação de competências nos municípios e entidades intermunicipais no domínio de funções sociais

fosse intensiva e exaustiva, numa tentativa de o tornar o mais pertinente, claro, direto e eficaz possível.

A análise documental mostrou-se então fundamental para o desenvolvimento do *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*, contudo, é importante referir que “document analysis is often used in combination with other qualitative research methods (...), [as] interviews” (Glenn, 2009: 28). Neste caso, recorri, além da análise documental, a entrevistas semiestruturadas, que realizei a Diretores/as de algumas escolas do Concelho da Maia, como se mostrará em seguida.

1.2) Entrevistas Semiestruturadas

Numa fase em que o EJPAAE já tinha sido pensado, fundamentado e escrito, foi para mim importante ir às escolas, junto dos/as Diretores/as, apresentar o Projeto que estava a desenvolver, numa tentativa de recolher opiniões e ideias que pudessem ajudar a um desenvolvimento mais eficaz do mesmo. Senti necessidade de fazer este contacto, pois ninguém melhor do que quem está no terreno, quem é parte integrante do mesmo diariamente, para perceber os pontos fortes e as lacunas a ser melhoradas no *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*.

Segundo Amado “a entrevista é um dos mais poderosos meios para se chegar ao entendimento dos seres humanos e para a obtenção de informações nos mais diversos campos” (2014: 207), pelo que esta me pareceu ser a técnica mais eficaz a utilizar para conseguir compreender de que forma o Projeto poderia ser melhorado e levado a um patamar superior.

Existem três tipos de entrevistas, sendo: entrevistas estruturadas ou diretivas; entrevistas semiestruturadas ou semidiretivas; entrevistas não-diretivas ou não estruturadas. Optei por realizar entrevistas semiestruturadas “na expectativa de os pontos de vista dos sujeitos serem mais facilmente *entre-vistos* a partir de perguntas abertas do que de perguntas fechadas” (Torres e Palhares, 2014: 169), tendo, para isso, previamente criado tópicos, para que a entrevista surja um pouco como uma conversa focada nos temas lançados. Assim, é permitido “ao entrevistado discorrer sobre o tema proposto ‘respeitando os seus quadros de referência’, salientando o que para ele for mais relevante, com as palavras e a ordem que mais lhe convier” (Amado, 2014: 209). Ao recorrer a esta técnica permiti que os/as Diretores/as pudessem falar abertamente sobre

o Projeto e aquilo que lhes pareceu positivo e negativo, perceber as medidas que já existiam ou não nas escolas relativas a este problema e ainda houve espaço para que estes/as tocassem noutros pontos que se revelaram também importantes para um melhor desenvolvimento do EJPAAE. Foi-me assim possível “captar discursivamente, com profundidade simbólica e densidade narrativa, os respetivos pontos de vista sobre [as suas] práticas, experiências e/ou interações” (Torres e Palhares, 2014: 168), podendo fazer uma leitura mais clara sobre estas e podendo captar ideias que pudessem melhorar o projeto.

No que concerne a esta técnica, temos de perceber que “a relação de entrevista não se trata de uma simples conversa, mas oferece uma situação de comunicação excecional, (...) sendo este “um momento de rutura relativamente aos hábitos de comunicação das pessoas” (Torres e Palhares, 2014: 172). Logo, é fundamental que o/a entrevistador/a se prepare e se dote de conhecimentos sobre o tema que irá dominar a entrevista, para que consiga guiar a conversa para os pontos que lhe são importantes, tendo capacidade de dar espaço e abertura para que o/a entrevistado/a possa falar de outros tópicos que poderão, também eles, tornar-se fundamentais para o trabalho do/a entrevistador/a.

2) Desenho do Projeto de Prevenção *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*

Sabemos que “um projecto é a expressão de um desejo, de uma vontade, de uma intenção, mas é também a expressão de uma necessidade, de uma situação a que se pretende responder” (Guerra, 2000:126). Para se responder a essa necessidade é essencial que se estructure a ação fazendo, para isso, um desenho ou um mapa dos passos que irão ter de ser seguidos para que o projeto possa, de facto, responder às necessidades sentidas.

Assim, as principais etapas do desenho de um projeto passam, segundo Guerra (2000) por i) identificar os problemas e efetuar um diagnóstico, ii) definir os objetivos, iii) definir as estratégias, iv) programar as atividades, v) preparar um plano de acompanhamento e de avaliação do trabalho e, por fim, vi) publicar os resultados do projeto para a sua prossecução.

No *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*, o diagnóstico, bem como a definição dos objetivos e estratégias, já se encontram realizados¹⁷. As atividades serão discutidas nas ações de formação e depois cada tutor/a utilizará aquelas com que mais se sentir à vontade e que ache que irão ter um efeito mais positivo nos/as seus/suas tutorandos/as. O plano de acompanhamento e avaliação será neste capítulo discutido. Já o último ponto, referente à publicação dos resultados não pode ser aqui retratado, já que só poderá ser realizado no final de um ano letivo em que o projeto esteja ativo. Neste sentido, no que respeita à sua projeção, o EJPAAE divide-se em seis partes fundamentais.

O EJPAAE terá de passar pelas etapas abaixo apresentadas para que a sua implementação se torne eficaz.

Desta forma, num primeiro momento, depois de o projeto estar já delineado, começou a sentir-se necessidade de se ir junto da comunidade educativa para que se pudesse fazer uma apresentação do mesmo, podendo perceber se este estava a tomar o rumo certo. Era para nós urgente aferir o que os/as Diretores/as dos agrupamentos de escolas às quais o projeto se dirige pensam sobre este. Se consideram que é ou não uma mais-valia para os/as seus/suas alunos/as e se pensam que este será um sucesso. Este contacto foi então efetuado, recorrendo a entrevistas semiestruturadas.

Seguidamente, depois de o projeto ser aceite por todas as entidades competentes, será enviado um e-mail aos/às jovens universitários/as, onde o EJPAAE lhes será apresentado e onde se solicitará a sua participação enquanto voluntários/as no mesmo. Em anexo seguirá uma ficha de inscrição para que os/as interessados/as possam efetuar a sua inscrição.

Num terceiro momento, serão realizadas duas ações de formação com os/as voluntários/as, que consistirão em explicar de uma forma mais detalhada os pressupostos deste projeto bem como dos momentos de apoio tutorial. É fundamental que estes/as percebam que não se pretende com estas sessões dar “explicações” aos/às alunos/as, mas antes estimulá-los e incentivá-los para a vida na e pela escola. Além disto, estes serão também momentos de partilha e de troca de ideias, onde se poderão

¹⁷ Ver capítulo II

debater formas de incentivar os/as jovens a querer participar no projeto ou de como os/as motivar para a escola.

A quarta etapa deste projeto terá como intuito a apresentação do *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar* aos/às alunos/as, recorrendo aos mecanismos já debatidos nas ações de formação, por forma a cativá-los/as e chama-los/as a participar nestes apoios tutoriais.

Posteriormente, serão atribuídos dois/duas a três alunos/as a cada voluntário/a, escolhidos/as pelo/a DT de entre aqueles/as que se mostraram interessados/as em participar no projeto e tendo em conta os horários disponíveis de ambas as partes. Os apoios tutoriais terão a duração de cerca de uma hora semanal, sendo que serão os/as voluntários/as a deslocar-se à escola dos/as alunos/as. Importa referir que também os/as Encarregados/as de Educação terão de ser informados/as sobre o mesmo. Todos/as terão de estar de acordo com a frequência do/a aluno/a nas sessões tutoriais.

O último momento do EJPAAE passará pela efetiva implementação do mesmo e pelo arranque das atividades a desenvolver.

Existe ainda um outro momento que faz parte deste projeto, contudo este não pode ser delimitado no tempo. Falamos da avaliação. Esta terá de fazer parte de um momento inicial, de um momento intermédio e de um momento final.

A avaliação inicial, ou seja, a avaliação diagnóstica, foi já efetuada, tendo-se percebido a necessidade de se desenhar um projeto de prevenção na área do abandono e do absentismo escolar, já que estas são problemáticas bastante presentes no Concelho.

Assim,

“a avaliação não apenas permite verificar os resultados obtidos, constituindo-se em auxiliar precioso de prestação de contas que torna mais transparentes e comparáveis as intervenções e os respectivos méritos, como ainda potencia a capacidade negocial e de participação dos intervenientes e das populações, fornecendo informação de forma partilhada e promotora da igualdade de capacidades e conhecimentos. Para além disso, a avaliação é o principal instrumento de apoio à replicação e reprodução alargada das boas práticas, porque permite compreender tanto os sucessos como os insucessos das acções desenvolvidas” (Capucha, 2008: 45).

Desta forma, ao longo do ano letivo os/as voluntários/as serão convidados a enviar algumas opiniões, sugestões, feedbacks e/ou aspetos que possam ser melhorados, para que o projeto se possa ir aperfeiçoando ao longo do tempo. No final este será alvo de uma avaliação que passará por perceber se os/as alunos/as inscritos no apoio tutorial tiveram uma melhoria nas notas relativamente ao ano transato. Além disto, irá existir um momento de avaliação ao projeto onde voluntários/as e alunos/as poderão manifestar a sua opinião relativamente ao mesmo, mostrando se sentiram que este foi ou não uma mais-valia para o seu percurso escolar, para eles/as enquanto alunos/as, enquanto pessoas, enquanto cidadãos/ãs. É fundamental aferir junto dos/as alunos/as se no final do ano estes/as se sentem mais ligados à escola, percebendo que esta será a melhor forma de atingirem os seus objetivos. Será também importante averiguar as opiniões e perceções que professores/as e Diretores/as tiveram sobre o projeto e sobre o impacto que este teve nos/as jovens, na rotina escolar e nos comportamentos e atitudes na e face à escola destes/as jovens.

Em seguida irá falar-se do apoio tutorial, já que é em torno deste método que o *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar* se estrutura. Assim, torna-se essencial perceber um pouco mais sobre este método e sobre a forma como este deverá ser trabalhado pelos/as voluntários/as para que os/as projeto obtenha o sucesso desejado.

3) A importância do apoio tutorial

O conceito de tutoria teve sempre um papel reconhecido como método pedagógico de ensino individual, com enorme flexibilidade de adaptação face ao espaço social, político e cultural de cada época. Assim, o apoio tutorial é considerado “un factor determinante de la calidad de la educación” (González, 2004: 77), na medida em que deverá ser um complemento às aulas e onde o/a aluno/a possa ter um apoio mais individualizado, tendo um maior espaço para expôr as suas dúvidas e onde o/a tutor/a estará atento às suas dificuldades e potencialidades, podendo colmatar as primeiras e potenciar as segundas. Neste sentido, a tutoria pode e deve ser pensada como uma orientação pessoal com o objetivo de proporcionar e estimular o/a tutorando/a a aumentar a sua auto estima, o seu desempenho, pois um/a aluno/a com uma auto estima elevada torna-se mais independente e confiante, assumindo as suas responsabilidades, enfrentando os desafios, orgulhando-se dos seus resultados e incentivando os/as

outros/as a esforçarem-se para também eles/as atingirem os seus objetivos, uma vez que, “o sucesso académico é tão importante como o desenvolvimento de competências afectivas [devendo ter-se em conta] tanto a aprendizagem de conteúdos como o desenvolvimento social e emocional” (Semião, 2009: 53) no sentido de proporcionar uma maior autoestima e autonomia no/a aluno/a.

Apesar de a tutoria ou o apoio tutorial se fundamentarem num apoio individualizado, neste Projeto este aspeto tomará uma nova forma. O objetivo do *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar* passa por não se ajudar somente os/as jovens a superar as suas dificuldades no que respeita à compreensão e/ou assimilação dos conteúdos transmitidos nas aulas, mas também promover a entajuda entre jovens de diferentes gerações, bem como entre os/as alunos/as da própria escola, promovendo um ambiente de ajuda e solidariedade. Para além disto, as sessões de apoio tutorial não terão apenas como finalidade a ajuda nos trabalhos de casa ou a aplicação de fichas de trabalho, mas também desenvolver atividades que sejam do gosto dos/as tutorandos/as, que possam promover a imaginação, a criatividade, entre outras competências essenciais ao desenvolvimento integral do/a aluno/a. Posto isto, percebe-se que se torna mais viável uma tutoria com dois/duas a três alunos/as com a premissa de atingir os objetivos propostos, e uma vez que “o grupo de pares constitui uma importante fonte de apoio social” (Pereira, 2011: 32) nesta fase da vida dos/as jovens, uma vez que, devido às idades em questão, os/as jovens vivem muito em função dos pares, pelo que as tutorias em grupo poderiam ser uma mais-valia.

É fundamental que exista uma estreita colaboração entre o corpo docente e os/as universitários/as que irão ser responsáveis pelo apoio tutorial, por forma a manter coerência entre as aulas e as tutorias, para que se mantenha o equilíbrio do/a aluno/a, tendo toda a aprendizagem um fio condutor.

De referir que a tutoria terá vantagens não apenas para os/as jovens, mas também para os/as tutores/as, uma vez que estes/as “deseja[m] ser eficaz[es] e levar o seu tutorando a progredir, [sendo] praticamente certo que tem de ser activo, tem de trabalhar os conteúdos aprendidos [e] preparar as suas intervenções” (Baudrit, 2009: 45), o que fará com que estes/as relembrem e aprofundem matérias aprendidas no passado, criando métodos de trabalho e tentando perceber quais as estratégias mais eficazes para transmitir os seus conhecimentos, mas, acima de tudo, estes/as irão ter de

aprender a lidar com o outro, tendo em conta as suas especificidades e ritmos. Isto irá preparar os/as voluntários/as para o futuro mercado de trabalho onde, independentemente da sua área de estudo, terão de ser capazes de se adaptar a diferentes pessoas e contextos.

Todas estas competências e atitudes são fundamentais para um desenvolvimento pessoal equilibrado e saudável. É essencial que o/a aluno/a consiga interpretar as suas emoções e saiba lidar com elas da melhor forma ao longo do tempo, porque parte de um bom crescimento são os contratempos que surgem na vida de uma pessoa e a forma como ela os resolve e os ultrapassa.

A tutoria deve ter sempre carácter espontâneo, logo, voluntário, conforme confirma Baudrit (1999), devendo ser um processo dinâmico e que permita criar um ambiente simultaneamente facilitador da aprendizagem e dos processos de socialização, como prevê o EJPAAE.

Em qualquer investigação/ intervenção na área das Ciências Sociais e das Ciências da Educação é necessário que existam uma série de preocupações éticas a ter em conta, já que lidamos diretamente com pessoas e com instituições que tem as suas idiossincrasias que deveremos sempre respeitar. Desta forma, falaremos em seguida das preocupações éticas que tivemos e teremos de ter neste projeto.

4) Questões Éticas

É fundamental perceber que a ética se realiza na prática e que esta remete para o cuidado na relação com o outro e que baliza valores que oscilam entre valores morais e os valores da ordem do direito.

Carvalho e Baptista (2008) realçam que os/as profissionais da relação e da condição humana devem ter consciência da especificidade da relação enquanto relação interpessoal, isto é, ter em conta que não é somente a promoção da relação pela relação, mas sim de um processo relacional pautado pela empatia, sensibilidade e atenção, devendo o/a profissional agir com integridade, empatia, solidariedade e cuidado. Torna-se premente que a integridade das pessoas envolvidas no *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*, sobretudo dos/as alunos/as que sejam indicados/as para o apoio tutorial, seja assegurada em todos os momentos. É fundamental que os/as Diretores/as de Turma tenham o máximo cuidado e descrição quando acharem

conveniente que um/a dos seus/as alunos/as seja encaminhado para o apoio tutorial. Este/a deverá ser informado em particular, sem colegas em seu redor, sendo que o/a professor/a deverá explicar da forma mais clara possível em que consiste o projeto, quais os motivos que o/a levaram a considerar uma mais-valia a integração do/a aluno/a no mesmo, bem como informar que este é de cariz voluntário, pelo que este/a só participará se esta for a sua vontade.

Para todos/as os/as envolvidos/as no EJPAAE, sejam professores/as, voluntários/as ou outros/as, é necessário que existam “(...) éticas aplicadas à forma como [estes/as] se devem comportar, estabelecendo valores, princípios, regras e as melhores soluções para resolver os dilemas e problemas éticos que encontrem e, ainda, assegurando direitos e deveres por onde devem pautar a sua conduta” (Magalhães, 2011: 185).

Um dos aspetos fundamentais quando realizamos entrevistas semiestruturadas e pretendemos recorrer à sua gravação é o consentimento informado do/a entrevistado/a (Graue e Walsh, 2003), ou seja, tem de ser explicado que pretendemos proceder à gravação e explicar os motivos pelos quais pretendemos fazê-la. Apenas depois de o/a entrevistado/a nos conceder essa autorização é que poderemos iniciar a gravação. Neste caso, expliquei aos/às Diretores/as das escolas que era para mim fundamental proceder à gravação das entrevistas, já que seria essencial para mim poder transcrevê-las e ter material empírico para analisar e debater no presente relatório.

Outro aspeto importante está ligado ao anonimato (Graue e Walsh, 2003) dos/as participantes, que deverá ser sempre mantido, seja no documento escrito, bem como em qualquer momento em que possamos falar do nosso trabalho.

5) Ações de Formação a Voluntários/as – Pertinência para o Projeto

O apoio tutorial, como acima referido, tem um carácter individual e tem como objetivo ajudar o/a tutorando/a a ultrapassar dificuldades ao nível das aprendizagens. No *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar* seguiu-se uma via diferente, tendo-se optado por uma tutoria em grupo e tendo como objetivos não apenas a ajuda nas dificuldades de aprendizagem ou nas matérias lecionadas, mas também tendo outro tipo de preocupações mais ligadas ao desenvolvimento do/a aluno/a enquanto jovem e enquanto pessoa inserida numa sociedade. Este é um dos pontos essenciais das ações de

formação, já que é importante que os/as voluntários/as percebam esta estratégia e forma de encarar as tutorias.

Os/As voluntários/as são pessoas que pretendem dar o melhor de si e daquilo que sabem porém, por falta de formação na área em que desempenham o seu voluntariado, por vezes, cometem erros e o seu trabalho acaba por não ter um impacto tão positivo quanto seria desejado. É com esta preocupação que no EJPAAE se irão realizar duas ações de formação aos/às voluntários/as antes de o projeto arrancar, por forma a tentarmos com que este seja assertivo e eficaz naqueles que são os seus objetivos e metas, conseguindo ajudar os/as alunos/as a obter sucesso escolar, mas também a interessarem-se pela escola e a terem sentimentos positivos sobre esta e sobre as aprendizagens, trazendo, simultaneamente, realização e satisfação pessoal aos/às jovens universitários/as ao sentirem que o seu trabalho teve um efeito positivo para os/as seus/suas tutorandos/as.

As ações de formação terão uma duração de aproximadamente uma hora/uma hora e meia cada e irão decorrer em lugar ainda a definir. Para cada uma das sessões será necessário estipular os objetivos a alcançar pelos formandos/as (neste caso os/as jovens universitários/as), bem como os conteúdos que irão ser abordados. No início de cada sessão é importante fazer-se uma análise diagnóstica para se perceber o conhecimentos que os/as formandos/as tem sobre o ou os temas que irão ser abordados ao longo da mesma.

Na primeira sessão terão lugar as apresentações, onde todos/as se irão dar a conhecer e serão abordados temas como o voluntariado e a educação pela visão das Ciências da Educação. A segunda sessão será uma sessão mais aberta, onde os/as formandos/as terão voz ativa no debate das estratégias que deverão ser usadas para atrair os/as jovens para as tutorias e sobre os métodos que se deverão utilizar nas sessões tutoriais para que estas tenham um cariz dinâmico e cativante.

5.1) Ação de Formação 1 – O trabalho a desenvolver

Numa parte inicial da ação de formação haverá espaço para um exercício de quebra-gelo, onde a formadora e os/as formandos/as se poderão conhecer. O exercício consistirá em cada formando/a escrever num papel, de forma anónima, uma palavra sobre o que acha ser educação. Depois os papéis serão todos postos num envelope e a formadora irá tirando um a um e lendo cada palavra. Ao ler a palavra retirada a pessoa

que a escreveu deverá identificar-se, dizendo o seu nome, o curso que frequenta e dando uma breve explicação sobre a escolha da palavra que considera traduzir educação. Importa também perceber um pouco o que estes/as julgam ser o voluntariado e os motivos que os/as levaram a optar por integrar o *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*, tentando perceber as suas expectativas sobre o mesmo.

A segunda parte desta sessão será de cariz mais expositivo, onde se focará o abandono e absentismo escolar. É importante dar a conhecer aos/às voluntários/as que este é ainda um problema com forte impacto no nosso país, podendo ter repercussões devastadoras, uma vez que se a formação e a aprendizagem constituem elementos básicos de transformação e superação da exclusão social, as situações de absentismo e abandono contribuem para que os/as alunos/as não se dotem das ferramentas que permitem essa superação, estando quase que condenados à exclusão e marginalização social e económica (González, 2006). Dado que o Concelho da Maia é ainda bastante afetado por este problema, houve a necessidade de se pensar uma medida preventiva. Foi então que surgiu o *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*.

Far-se-á então uma apresentação do projeto, explicando que o seu objetivo geral passa pela diminuição das taxas de abandono e absentismo no Concelho da Maia. Como objetivos específicos, o projeto apresenta: i) melhorar os resultados escolares dos/as alunos/as a frequentar as sessões de tutoria; ii) aumentar o sentido de pertença em relação à escola, no sentido em que estes/as possam sentir-se motivados/as para esta, bem como para aprender, percebendo que esta é o local ideal para a aprendizagem e para um desenvolvimento tanto cognitivo, quanto social e pessoal; iii) estimular nos/as alunos/as a criatividade, autonomia, autovalorização e autoestima, assim como valores como a solidariedade e a ajuda, iv) promover a organização do estudo e, ainda, v) permitir aos/às voluntários/as o contato com o terreno/ realidade, aumentando e melhorando as suas capacidades enquanto pessoas, cidadãos/ãs e futuros/as profissionais.

As metas a alcançar com a implementação do Projeto estão ligadas à melhoria dos resultados escolares dos/as alunos/as a receber apoio tutorial relativamente ao ano letivo transato, numa tentativa de, assim, evitar um futuro comportamento de absentismo e abandono por parte dos/as mesmos/as, reduzindo assim as taxas de retenção e desistência no Concelho da Maia. Importa ainda referir, relativamente ao EJPAE, que

este se dirige a alunos/as do 7ºano, já que este é o ano em que ocorre o maior número de retenções.

Para se alcançarem os objetivos a que nos propomos, devemos refletir sobre a educação e os paradigmas pedagógicos. Neste sentido, existem três paradigmas sendo o paradigma da instrução, o paradigma das aprendizagens e o paradigma da comunicação. Para ajudar a explicar estes paradigmas faremos referência ao Triângulo Pedagógico de Houssaye (cf. Cosme e Trindade, 2010). Os três vértices deste triângulo dizem respeito aos/as professores/as, aos/as alunos/as e ao saber. Assim, cada um dos paradigmas tem o seu enfoque em diferentes vértices do triângulo.

O paradigma da instrução vê a sua força no/a professor/a e no saber, encarando os/as alunos/as como seres ignorantes e incompetentes, cuja obrigação é a de assimilar a matéria transmitida (Cosme e Trindade, 2010). Falamos então de uma educação prescritiva e transmissiva, onde os/as jovens não tem espaço para serem ouvidos, nem tão pouco para interpelarem ou questionarem.

O paradigma das aprendizagens surge em clara oposição ao paradigma da instrução, já que neste os/as alunos/as, os seus interesses e as suas necessidades são o centro das aprendizagens. Aqui, “o acto de aprender encontra[-se mais] relacionado com o desenvolvimento de competências cognitivas e relacionais do que com a apropriação de conteúdos construídos por outros” (Cosme e Trindade, 2010: 44 e 45). Apesar disso, este paradigma exclui a importância do/a professor/a ou do/a educador/, focando-se somente no/a aluno/a e no saber.

Surge então o paradigma da comunicação, onde tanto os/as alunos/as, como o/a professor/a e o saber aparecem em perfeito equilíbrio e nível de importância, não havendo papéis mais centrais e menos centrais. As três partes do triângulo são essenciais. Este caracteriza-se pela partilha de experiências entre aluno/a e professor/a, onde o saber e as aprendizagens se constroem nesta partilha de experiências.

O paradigma da comunicação pressupõe que, “(...) mais do que uma relação privilegiada a identificar entre os pólos, se identificam, agora, relações de natureza mais plural, contingente e aleatória (...)” (Cosme e Trindade, 2010: 59). Este paradigma caracteriza-se pela valorização dos mais variados tipos de interações que acontecem em

contexto sala de aula (e fora deste) e que poderão vir a ser um fator potenciador das aprendizagens dos/as alunos/as (Cosme e Trindade, 2010: 58).

Percebe-se então que o paradigma da comunicação é o paradigma que deverá ser adotado pelos/as voluntários/as, por forma a poder-se perceber os problemas e dificuldades que os/as alunos/as possam sentir, as suas dúvidas e receios. Aqui, o/a tutor/a adotará, no triângulo de Houssaye, o papel do/a professor/a. A partilha de conhecimentos, o diálogo e a escuta ativa deverão ser uma constante ao longo de todo o processo.

Este método permitirá aos/as às alunos/as, em conjunto com os/as seus/suas tutores/as, desenvolver uma organização do estudo, bem como o gosto pelo mesmo, pois este passará também pelos seus interesses e poderá ser adequado a esses mesmos interesses. Trabalhar os conteúdos obrigatórios de uma forma que vá de encontro ao que os/as jovens gostam será uma forma de os/as motivar para as aprendizagens. Além disso, demonstrar como é possível organizar o seu tempo entre conteúdos obrigatórios e atividades que lhes despertem interesse, poderá levar a uma organização para o estudo que lhes dê gosto, já que lhes permitirá fazer tudo aquilo que gostam, enquanto cumprem com os seus objetivos escolares. Desta forma, é importante que os/as alunos/as tenham confiança nas suas “capacidades e no esforço para obter sucesso” (Veiga, 2007: 13) e é também na autoestima e autovalorização que pretendemos intervir ao melhorar os resultados escolares.

Na parte final da sessão os/as formandos/as serão convidados/as a expor qualquer dúvida que tenham e pode ser aberto um debate sobre essas mesmas questões e sobre tudo que foi falado ao longo da mesma.

PLANO DA SESSÃO

Ação de Formação 1: O trabalho a desenvolver

Duração da Sessão: 1:30h

Objetivos da Sessão: Apresentação para que todos/as se possam conhecer. Abordar temas ligados à educação e ao abandono escolar, que tenham relevância para um melhor desempenho dos/as voluntários/as, bem como no sucesso escolar dos/as alunos/as envolvidos/as no projeto			
Tema	Conteúdos	Métodos e técnicas Pedagógicas	Tempo
Quebra-Gelo	Atividade para que todos/as se possam conhecer	Método Ativo	25 min
Abandono e Absentismo	Dar a conhecer um pouco o abandono e absentismo escolar e aquelas que são as suas consequências	Método Expositivo	10 min
Entre Jovens - Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar	Mostrar o projeto de forma mais detalhada, com os seus objetivos geral e específicos, as suas metas e público-alvo	Método Expositivo	10 min
Paradigmas Pedagógicos	Abordar os três paradigmas: da instrução, das aprendizagens e da comunicação	Método Expositivo	15 min
Qual o paradigma a ser adotado?	Atividade onde cada um deverá expressar a sua opinião sobre qual método acha mais indicado utilizar	Método Interrogativo/ Ativo	10 min
Paradigma da Comunicação	Explicar o porquê de este ser o indicado para este projeto e as suas vantagens	Método Expositivo	10 min
Sucesso escolar	Demonstrar como adotar os passos abordados para que se atinja o sucesso dos/as jovens	Método Expositivo	5 min
Dúvidas/Questões/Debate	Espaço para os/as formandos/as exporem as suas dúvidas, opiniões	Método Interrogativo/ Ativo	5/10 min

5.2) Ação de Formação 2 – Estratégias e métodos a adotar

Esta ação de formação consistirá num debate sobre estratégias a adotar para se captar a atenção e o interesse dos/as estudantes a participar nas tutorias, bem como de se pensarem atividades e métodos para tornar os apoios tutoriais dinâmicos, interativos e interessantes, mantendo o interesse do/a aluno/a em continuar a frequentar estes apoios, por forma a melhorar os resultados escolares. Esta será uma sessão que consistirá, sobretudo, em métodos ativos, como a discussão em grupo, por exemplo.

Inicialmente irão ser lembrados tópicos da sessão anterior que se mostrem prementes para esta sessão, como a organização e a motivação para o estudo, bem como o foco nos interesses dos/as jovens.

Será feito um *brainstorming* onde os/as formandos/as deverão dizer aquilo que lhes convir sobre estes temas e a partir do que surgir desta atividade debateremos as melhores estratégias e métodos a adotar, seja na forma de aliciar os/as alunos/as a participarem nos apoios tutoriais, seja em como os iremos ajudar a organizar o estudo, a motivarem-se para as aprendizagens e a verem nos apoios tutoriais uma mais-valia para os seus percursos educativos.

A formadora irá ainda propor que os/as tutores/as em conjunto com os/as seus/suas tutorandos/as preencham “O Meu Horário”¹⁸ numa tentativa de introdução à organização do estudo.

Também no final desta sessão haverá espaço para debate e para dúvidas que possam existir.

¹⁸ Apêndice 6

PLANO DA SESSÃO

Ação de Formação 2: Estratégias e métodos a adotar

Duração da Sessão: 1h

Objetivos da Sessão: Pensar e debater ideias, estratégias e métodos para cativar os/as alunos/as para o projeto, para as aprendizagens e para a escola, bem como estratégias para os/as manter motivados/as para o apoio tutorial			
Tema	Conteúdos	Métodos e técnicas Pedagógicas	Tempo
Relembrar tópicos da sessão anterior	Organização do estudo, gosto pelas aprendizagens, interesses dos/as jovens	Método Interrogativo/ Ativo	8 min
Brainstorming	Chuva de ideias sobre métodos e estratégias a adotar para cativar os/as alunos/as para as sessões tutoriais, para as aprendizagens e para a escola	Método Ativo	40 min
"O meu horário"	Exemplo de horário a preencher pelos/as tutorandos/as em conjunto com os/as seus/suas tutores/as	Método Expositivo	5 min
Dúvidas/Questões/Debate	Espaço para os/as formandos/as exporem as suas dúvidas, opiniões	Método Interrogativo/ Ativo	5/10 min

**V) Análise das Entrevistas aos/às
Diretores/as**

O *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar* surge de uma análise das necessidades do Concelho da Maia, através de dados estatísticos e de documentos referentes ao mesmo. Já que estas são técnicas que não vão de encontro à metodologia pela qual me guio, uma metodologia fenomenológica-interpretativa, era importante ir junto das escolas e dos seus atores e atoras para se perceber aquelas que são as suas crenças e interpretações sobre o fenómeno que é o abandono e o absentismo escolar. Pretendi com esta aproximação uma obtenção de “conhecimento para identificar as ações necessárias à projecção estruturada e organizada de uma mudança face a uma situação diagnosticada que se pretend[ia] alterar” (Capucha, 2008: 7). Espera-se então provocar uma mudança naquelas que são as visões e os sentimentos dos/as alunos/as que irão integrar o EJPAE relativamente à escola e às aprendizagens. Para isso, e já que se mostrou impossível o contacto com os/as jovens, fomos o mais perto que conseguimos, tendo entrevistado três Diretores/as e uma Subdiretora de escolas do Concelho da Maia, pois acredita-se que quem está na escola todos os dias e convive de perto com os problemas que esta enfrenta, que conhece os/as seus/as alunos/as, se mostra mais apto/a para perceber quais são as dificuldades sentidas e quais os problemas emergentes a acontecer diariamente, já que o contexto e a interpretação dos/as atores/as é fundamental na metodologia adotada (Amado, 2014).

Procedeu-se então a uma análise e interpretação das entrevistas realizadas tendo em atenção os temas ou dimensões que delas emergiram.

Abandono e absentismo escolar: uma verdadeira preocupação ou apenas uma referência?

Inicialmente foi importante perceber a preocupação que existe (ou não) por parte das escolas relativamente à problemática em questão. Pude perceber que existem alguns projetos direcionados aos/às alunos/as. Contudo nenhum destes se relaciona de forma direta com o combate ao absentismo ou abandono escolar. Estão mais ligados a uma integração de novos/as alunos/as à escola ou mesmo à ajuda entre pares, a questão do «apadrinhamento». As tutorias direcionam-se sobretudo para o apoio ao estudo ou para alguns/mas alunos/as que tenham necessidades educativas especiais e que necessitem de um apoio mais individualizado.

Sabemos que a ajuda entre pares é essencial para uma integração efetiva dos/as jovens na escola, já que “a pertença ao grupo parece ser (...) uma estratégia [para] poder

melhorar a situação de fragilidade” (Silva, 2011: 303), logo o grupo de pares adquire uma importância bastante elevada, podendo incentivar o/a aluno/a a estudar ou, pelo contrário, a olhar a escola como algo sem valor e que deve ser desprezado. Assim, encontrar um padrinho ou uma madrinha para os/as jovens mais novos/as que lhes dê bons exemplos e que os/as possa ajudar a integrar-se e a ver o lado positivo da escola pode mostrar-se bastante vantajoso. Relativamente às tutorias para jovens com NEE, estas terão sempre um cariz positivo no desenvolvimento destes/as jovens, desde que exista um cuidado acrescido com a questão da estigmatização¹⁹, tendo o cuidado sempre de integrar estes/as alunos/as com os/as restantes jovens da turma e da escola.

No que respeita ao apoio ao estudo é esse também um dos pontos do EJPAAE, contudo tendo sempre a ideia de fugir ao registo de “explicações”. Daí a necessidade sentida de recorrer a jovens universitários/as, das tutorias em pequenos grupos e das ações de formação a realizar com os/as voluntários/as. Todas estas medidas pretendem dar a estes momentos de apoio tutorial uma dinâmica diferente do habitual, tentando promover o gosto pela escola, pelo estudo e o sucesso escolar.

“Nós o que fizemos durante algum tempo, 2 anitos sensivelmente, foi o chamado **«apadrinhamento»**. Tínhamos um responsável por um miúdo mais pequenino. Pronto... normalmente eram alunos mais velhos, lá está! Claro que não do ensino superior, não é? (...) eram alunos de 8º/9º que apadrinhavam 5º anos. Fundamentalmente 5º anos até por causa da integração do aluno na escola. Pronto, hum... mas em termos assim práticos havia alguma relação, mas não havia a obrigatoriedade de reunir por semana, como vocês aqui pretendem” (Entrevista 1).

“**Nós temos tutoria**, de facto, nas horas que nós temos disponíveis. Normalmente o espaço é de sala de aula, normalmente individual, hum...(...) tutoria em sala de aula... como nós temos o apoio ao estudo no 2º ciclo e as salas de estudo...” (Entrevista 2)

“Mas pontualmente, por exemplo, temos **uma tutoria com uma menina que tem algumas necessidades educativas especiais** e que tem imensos problemas ao nível da educação visual e portanto canalizamos a tutoria para isso com um professor que tem mais competências nessa área... tentamos... tentamos dar resposta na tutoria às necessidades do aluno ou até aos gostos deles para os trazer para a escola. Tentamos fazer isso!” (Entrevista 2).

¹⁹ “situação do indivíduo que é desqualificado da aceitação social total” (Goffman, 1963: 9)

Numa época em que a Europa se mostra preocupada com a educação e com as questões do abandono escolar, como podemos ver ser numa das questões referidas na *Estratégia Europa 2020* – “A taxa de abandono escolar precoce deve ser inferior a 10 %”²⁰ – não seria de esperar que as escolas tivessem uma preocupação efetiva com esta questão ao invés de esta ser apenas uma referência no discurso? Sabemos que o abandono escolar precoce respeita a uma idade superior àquela a que o EJPAAE se dirige. Contudo, pensamos que esta intervenção numa faixa etária mais jovem poderá reproduzir efeitos quando estes/as atingiram idades superiores e tiverem de tomar decisões relativamente ao seu percurso escolar. Nesta altura seria de esperar que as escolas tivessem uma maior preocupação em relação ao abandono escolar, tendo projetos e medidas que combatessem este problema. A preocupação existe nos discursos, mas existe uma necessidade de pôr em prática ações, medidas ou projetos que efetivem essa preocupação e sejam capazes de prevenir e combater estes problemas.

“É o início de um ciclo, de um ciclo que, para mim, é sempre o ciclo mais difícil...”

Podemos desde logo perceber que a escolha do 7º ano de escolaridade para a intervenção do projeto foi uma escolha acertada e pertinente, já que este é o ano onde existe o maior número de retenções e desistência por parte dos/as alunos/as²¹. Este facto é referido por Abrantes quando este refere que “o aumento do insucesso e do abandono é sobretudo visível no 7º ano” (2009: 38). Assim, dentro das próprias escolas este é um fator perceptível e que gera preocupação no corpo docente das mesmas.

“Do 6º para o 7º ano, ou até do 4º ano para o 5º ano, já há... embora os resultados não sejam tão negativos quanto do 6º para o 7º, mesmo assim já aqui um... um salto, um salto grande.

O salto maior é do 6º para o 7º, não há dúvidas!” (Entrevista 1)

“Se reparar, se eu lhe mostrar, temos dois absentismos no 6º ano e são alunos NEE, tudo o resto olhe... **tudo 7º ano!**” (Entrevista 2)

“Agora deixa-me dizer-te, acho que escolhes-te muito bem o ano de escolaridade! Por muitíssimas razões. Porque na verdade é **o início de um ciclo**, de um ciclo que, para mim, é

²⁰ Comunicação da Comissão Europeia: Europa 2020 - Estratégia para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo

²¹ Ver gráfico 1

sempre o ciclo mais difícil... nós até costumamos dizer que é a idade da parvoíce e **é uma mudança...** uma mudança... acho que sim, que escolheste muito bem!” (Entrevista 3)

Já que “as transições entre ciclos de ensino são momentos marcantes na vida social dos alunos, pais e professores” (Abrantes, 2005: 25), também expressa no discurso dos/as entrevistados/as, mostra-se pertinente dar atenção a esta fase do percurso académico e compreender o porquê de estas transições serem definidas como problemáticas. A atenção a este problema não pode apenas centrar-se em atribuir responsabilidades aos/às professores/as, mas tem de compreender as interações e processos escolares como um todo. Poderia então ser pertinente a análise de formas de diminuir o impacto destas transições, a partir da “adaptação a um novo cenário de interacção” (Abrantes, 2005: 31) e de uma maior partilha entre docentes dos diferentes ciclos de ensino.

“Temos de prevenir!”

Com o prévio conhecimento de que o 1º ano do 3ºciclo é o ano onde problemas como o abandono e o absentismo têm uma maior incidência, foi importante perceber que a resolução destes passa, efetivamente, pela prevenção, já que “diversos autores consideram que o abandono deve ser «prevenido»” (Benavente et al, 1994).

“Mas estamos de acordo: para resolver este problema temos de ir a montante! **Temos de prevenir!**” (Entrevista 3).

“E é por isso que se calhar tem razão, porque ao **prevenir** nós não retemos e eventualmente eles até podem num ano não aprender nada, porque eu acredito que também depende um pouco da empatia que se cria com os professores o saber ou não saber as matérias, e quanto muito estou aqui até aos 18 anos e sempre saio a saber alguma coisa! Assim, saio aos 18 anos sem saber coisa nenhuma...” (Entrevista 2).

Acreditamos também que problemas como o abandono e o absentismo podem ser diminuídos através da prevenção, ao termos percebido que o *Projeto Maia Não Desiste*, em muitos dos casos, já atua de uma forma tardia, já que aqueles/as alunos/as já se encontram em situações de absentismo e, por vezes, de abandono. Daí a necessidade de se criar o *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*, uma medida preventiva que irá atuar antes de estes problemas existirem, tentando prevenir o seu aparecimento.

“A nível do básico, o que tem de trabalhar essencialmente é o criar o gosto por eles gostarem de estudar”

Tendo conhecimento de que era premente pensar ações ou formas de prevenção, tornou-se fundamental perceber como é que essa prevenção deveria ser efetuada, ou os campos em que esta deveria atuar. O objetivo do EJPAAE é contribuir para o sucesso educativo dos/as jovens para tentar evitar situações de absentismo e abandono. Para isso deveremos ser capazes de “dotar os indivíduos de instrumentos e saberes que permitam promover a sua adaptação ao universo escolar” (Cosme e Trindade, 2010: 68), trabalhando com estes/as ao nível da organização do estudo, para que percebam que é possível dividir o seu tempo entre tarefas escolares e atividades que sejam do seu agrado. É aqui que entra a necessidade de se ir ao encontro dos gostos de cada jovem. Poderá ser por aqui que se consiga chegar aos/às alunos/as, quebrando a barreira de resistência que por vezes existe em relação à escola e às aprendizagens, sendo possível cativá-los para os conteúdos programáticos através dos seus interesses pessoais, numa conjugação harmoniosa de ambas as partes. O gosto pelo estudo e as competências a adquirir para que este se torne eficaz irão depender, neste projeto, da ligação e interação a existir entre tutor/a e tutorando/a. Se esta for positiva é provável que o/a aluno/a crie sentimentos de autoestima e autovalorização, acreditando no seu trabalho e querendo evoluir.

“A nível do básico, o que tem de trabalhar essencialmente é o criar o **gosto por eles gostarem de estudar, de sentirem que é importante aprender...** a nível do básico é isto!” (Entrevista 2)

“Portanto o que tem é que se criar **competências de estudo**, é mais nesse nível que temos de trabalhar com eles...” (Entrevista 2)

“Tem mais a ver até com a **organização do estudo**, do que propriamente com o estudo. Portanto, também porque é 50 minutos semanal, o que significa que não dá para estudar todas as matérias, portanto é sempre muito mais vocacionada para uma organização do estudo, uma organização do calendário, de ver quando é que são os testes... portanto, de ensinar os alunos a gerir...[o tempo]” (Entrevista 2)

“Para combatermos a o absentismo, a escola tem que, na verdade, tentar ir mais de encontro aos **interesses de cada um**” (Entrevista 3)

Reconhece-se pois que a escola “é um espaço privilegiado de educação, socialização e aprendizagem, torna[ndo]-se preocupante verificar o tipo de relação desgastada que muitos e muitas jovens continuam a ter com aquela instituição (Silva, 2011: 220). Neste sentido, torna-se crucial o desenvolvimento de estratégias significativas para que esta desafetação escolar possa ser esbatida e sejamos capazes de desenvolver nos e nas jovens o reconhecimento da importância do mundo escolar e das aprendizagens formais.

“O professor está do outro lado da barreira!”

Percebe-se a valorização que existe pelo facto de o apoio tutorial ser entre jovens (ainda que de idades diferentes), pois os/as entrevistados/as afirmam que os/as alunos/as consideram que os/as professores/as estão do “outro lado da barreira” (Entrevista 3), mostrando estarem mais recetivos/as a ouvir um/a colega. Esta proximidade de idades tem ainda vantagens na medida em que “uma proximidade de idades e de competências entre os parceiros de tutoria, é de natureza a facilitar as aquisições do tutorando (...) porque o tutor pode colocar-se com mais facilidade no lugar do tutorando” (Baudrit, 2009: 35).

E não ser professor. **Só o aluno saber que não é um professor...** (Entrevista 2)

Por um lado são iguais, mas por outro lado são **entidades exteriores ao contexto escolar** e talvez funcione, talvez funcione! (Entrevista 2)

E é verdade! **Eles estão mais recetivos a ouvir um colega** do que um professor. (Entrevista 3)

O nosso intuito quando pensamos o apoio tutorial entre jovens universitários/as e alunos/as do 7º ano foi precisamente o de impulsionar uma relação mais próxima, que pudesse permitir a ambas as partes uma maior abertura e à-vontade, onde os/as alunos/as não tivessem receio de expor as suas dúvidas e dificuldades e onde os/as tutores/as, devido à proximidade de idades, se mostrassem mais aptos/as a compreender esses medos e dúvidas, por terem passado essa fase das suas vidas há um tempo relativamente curto.

“O fundamental é a formação dos alunos que vierem para cá dar as tutorias!”

Uma vez que as tutorias ou o apoio tutorial irá então acontecer entre jovens universitários/as e alunos/as do 7º ano, foi para mim uma preocupação dar-lhes algum

tipo de formação base que lhes garantisse segurança no desempenho das suas funções enquanto tutores/as e que garantisse, simultaneamente, um acompanhamento de qualidade para os/as alunos/as.

“O facto de se houver essa formação inicial, o facto de serem pessoas mais jovens, que não seja um adulto, e que venha dar contributos positivos no sentido de... «Olha para mim», «Olha para o meu exemplo»” (Entrevista 2)

“o fundamental é a formação dos alunos que vierem para cá dar as tutorias! (...) porque às vezes eles tem muito boa-vontade, mas nem sempre estão a seguir o caminho correto...” (Entrevista 2)

Esta formação terá de ir, obrigatoriamente, ao encontro do que foi apontado pelos/as Diretores/as como sendo formas de prevenir o abandono e absentismo escolar. Terão ser discutidos temas como a organização do estudo, as competências para o estudo e ainda formas de cativar os/as jovens para estas tutorias e para as aprendizagens enquanto parte fundamental do seu desenvolvimento e de perspetivas de futuro. Claro que temos de ter em conta a parte teórica ligada ao tema. Irão então acontecer duas ações de formação: uma primeira ligada à educação na ótica das Ciências da Educação e uma segunda onde serão pensadas, apresentadas e debatidas ideias de todos/as os/as formandos/as no que respeita a formas de cativar os/as jovens a participar nas sessões de apoio tutorial e que estratégias utilizar para lhes fomentar o gosto pelo estudo e pelas aprendizagens, bem como motivar uma organização desse mesmo estudo, mostrando-lhes que o tempo entre educação e lazer tem de ser equilibrado e harmonioso. Nesta perspetiva considera-se fundamental a valorização quer dos conhecimentos formais, quer das experiências de vida dos sujeitos.

Com a análise das entrevistas efetuadas podemos perceber que emergem aqui uma série de fatores fundamentais. Inicialmente, o que está a ser feito pelas escolas no que concerne ao abandono e absentismo escolar. Verificou-se que a esse nível pouco ou nada é feito. Os projetos existentes têm uma maior preocupação com a integração dos/as jovens aquando a sua entrada na escola do que propriamente com aqueles e aquelas que já a frequentam.

Ao percebermos que, de facto, o 7º ano é o ano em que a ação deste projeto mais se sente necessária, já que é o ano onde as retenções e desistências são mais incidentes, foi importante perceber que, segundo os/as Diretores/as, este problema se poderá resolver

através da prevenção. A prevenção terá então de passar por dotar os/as alunos/as de ferramentas que lhes permitam uma melhor organização do seu estudo, adquirindo gosto pelo mesmo e competências para que este se mostre eficaz. Além disto, é importante não esquecer que os/as alunos/as são jovens com gostos e interesses pessoais que deverão ser tidos em conta ao longo de todo o processo, numa tentativa de que estes/as possam ser um impulsionador para o interesse pela escola e pelas aprendizagens, valorizando as experiências individuais de cada um/a.

Ligado a esta questão dos interesses pessoais podemos focar o facto e a importância de serem jovens universitários/as a dinamizar os apoios tutorais. Primeiro, porque as idades são próximas e isso poderá levar a uma melhor compreensão de ambas as partes, podendo levar a uma maior motivação dos/as alunos/as mais jovens pelo exemplo de sucesso que têm à sua frente deixando-se, quem sabe, mais facilmente influenciar por estes/as sobre a importância das aprendizagens e da escola para atingirem metas de sucesso escolar.

Posto isto, a formação aos/às tutorandos/as tem a máxima importância pois, já que estes/as poderão ter uma forte influência nos/as alunos/as, é essencial que estes/as vão informados/as e dotados/as de ferramentas e estratégias que lhes permitam chegar aos/às jovens de uma forma informada, clara e pertinente, para que a sua ação tenha resultados o mais positivos possível, mostrando-se ser uma mais-valia no percurso educativo destes/as, sendo capazes de atingir o sucesso escolar.

VI) Considerações Finais

Ao optar pela via profissionalizante ao invés da investigação tive como intuito o contacto com a realidade e o desejo de poder aplicar conhecimentos adquiridos, quer na licenciatura, quer no mestrado em Ciências da Educação. A escolha pela Câmara Municipal da Maia não foi uma escolha inocente, uma vez que já conhecia aquela realidade tendo conhecimento prévio dos problemas ligados ao abandono e ao absentismo escolar que existiam no Concelho. Sendo esta uma problemática pela qual vim a nutrir interesse ao longo do tempo, fui sempre procurando pesquisar e saber mais sobre o que poderia estar na sua origem e como poderia ser combatida ou mesmo prevenida.

Com a minha (re)entrada na Divisão da Educação da Câmara Municipal da Maia pude ter acesso a documentos que me levaram a perceber que, apesar de já existir um projeto de intervenção na área do abandono e do absentismo escolar naquele Concelho, este continuava a ser um problema com bastante impacto. Desta forma, em conjunto com a minha orientadora local e a minha orientadora institucional, foi pensado o *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*, um projeto preventivo que se fundamenta num apoio tutorial a jovens do 7º ano de escolaridade a frequentar as escolas da Maia.

Tocar conceitos como Juventude(s) tornou-se essencial uma vez que me encontro a frequentar o domínio *Juventudes, Educação e Cidadanias* e que o projeto se dirige a jovens. Perceber que o conceito de juventude é um conceito que nos remete para uma homogeneização dos/as jovens, pelo que se deverá optar pelo conceito de juventudes uma vez que estas são um grupo heterogéneo, onde os/as jovens tem características bastante distintas. Apesar disso, o conceito de juventudes torna-se também essencial na medida em que o foco deste relatório está ligado à escola e não podemos pensar os/as jovens atualmente sem pensar automaticamente na escola, uma vez que este é um contexto transversal a todos/as, pois “a juventude é vivida (...) de inúmeras formas, das mais familiares às mais excêntricas, através de distintas figurações si: enquanto estudantes, protagonizando diversos percursos educativos” (Silva, 2011:35).

O abandono e absentismo escolar, temática central em torno da qual o EJPAAE, bem como este relatório se desenharam, é um problema ainda bastante atual no nosso país e também no Concelho da Maia. Foi preciso aprofundar leituras e conhecimentos

sobre este tema. Pude perceber que existe uma linha condutora, sendo: insucesso escolar (traduzido em notas negativas), retenção, absentismo, abandono. Numa grande maioria dos casos é este o trajeto dos/as alunos/as que acabam por abandonar o sistema de ensino antes de concluir a escolaridade obrigatória. Quer dizer, não podemos falar de abandono efetivo já que a escolaridade sendo obrigatória não permite que os/as alunos/as abandonem o sistema de ensino. Mas manter jovens na escola em anos letivos totalmente diferentes das suas idades cronológicas, devido ao número de retenções, não será uma forma de abandono? Que aprendizagens, que saberes levarão estes/as jovens consigo para o futuro? Foi com estas preocupações em mente que desenhamos o *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*, tendo como base o apoio tutorial numa tentativa de promoção do sucesso escolar dos/as jovens, onde exista uma verdadeira aprendizagem, onde estes/as se possam empoderar dos conhecimentos adquiridos na sua vida futura. Pretendemos não deixar que a situação evolua até ao seu culminar, ou seja, a situações de absentismo e de abandono do sistema educativo.

A escolha pelo apoio tutorial baseou-se no facto de acreditarmos que este método permitirá uma maior abertura e à-vontade, já que implica uma proximidade entre tutor/a e tutorando/a. Assim, a escolha por serem jovens universitários/as a desempenhar o papel de tutores/as foi também propositada, pois pela proximidade de idades entre os/as jovens, acreditamos que o projeto poderá ter um maior sucesso.

Ao falarmos de voluntariado teríamos de falar em participação cívica, já que o voluntariado é uma forma de participação cívica que, neste caso, irá ser adotada pelos/as voluntários/as do EJPAAE, uma vez que o voluntariado pode permitir desenvolver competências e valores necessários para os/as jovens se tornarem cidadãos/ãs ativos/as e responsáveis pelas questões que afetam em particular a sua comunidade e em geral no mundo (Nenga, 2012).

Como este é um projeto direcionado para jovens e onde se irá trabalhar diretamente com estes/as, é necessário ter uma série de preocupações éticas. Quando se trabalha com outras pessoas temos de ter em conta o contexto onde nos vamos inserir, a sua cultura, regras e maneiras de atuar dentro deste. Temos de ter sempre o cuidado de adotar comportamentos que não vão contra nenhum/a dos/as participantes no projeto. Além disto, a confidencialidade do local das entrevistas bem como dos/as entrevistados/as é também fundamental.

Inicialmente o EJPAAE baseou-se na pesquisa e análise de documentos, bem como na análise de dados estatísticos. Porém, como nos colocamos no paradigma fenomenológico-interpretativo, pois pretendemos “compreender as realidades complexas e múltiplas a partir das perspetivas dos participantes” (Amado, 2014: 42), sentimos necessidade de ir junto dos/as participantes para perceber quais as suas crenças sobre o problema do abandono e do absentismo, bem como para aferir as suas opiniões sobre o projeto. Assim, como nos foi impossível o contacto com os/as alunos/as decidimos dirigir-nos aquelas que julgamos ser as pessoas mais aptas a falar sobre o assunto, já que se encontram dentro da comunidade escolar e contactam diariamente com estes/as jovens. Realizamos então três entrevistas a Diretores/as de escolas da Maia para lhes apresentarmos o projeto. As entrevistas mostraram-se momentos bastante positivos, já que pude dar a conhecer aquele que é um projeto no qual acredito e que julgo ter potencialidade para ser implementado. O EJPAAE define-se como um projeto inovador, com características únicas, consideradas fundamentais pelos/as entrevistados/as. O facto de ser direcionado a alunos/as do 7º ano foi referenciado como bastante positivo, já que este é um ano de transição de ciclo e onde os/as jovens incorrem muitas vezes em reprovações. Serem jovens universitários/as os/as responsáveis por dinamizar os apoios tutoriais mostra-se também uma mais-valia, pois sendo jovens a probabilidade de aceitação e interesse por parte dos/as alunos/as aumenta.

A análise às entrevistas realizadas salientou, sobretudo, o facto de o combate ao abandono e ao absentismo escolar passar por uma efetiva prevenção dos mesmos, já que depois de os/as alunos/as começarem a incorrer em situações de insucesso e retenções escolares, tornar-se-á mais difícil “recuperá-los” para o sistema. Assim, foi referida a necessidade de se criar o gosto pelo estudo e pelas aprendizagens, pontos que irão ser trabalhos nos apoios tutoriais. A importância das ações de formação aos/às voluntários/as é também elevada, já que pretendemos enviar para o terreno jovens dotados/as e munidos/as de ferramentas que lhes permitam uma ação eficaz e assertiva.

Ao planear as ações de formação tivemos em consideração aqueles que consideramos ser os pontos fulcrais para que as tutorias sejam um sucesso a todos os níveis. Pretendemos então motivar os/as jovens para a escola e para as aprendizagens, bem como ajudá-los na organização do seu tempo. Para isso achamos fundamental guiarmo-nos pelo paradigma da comunicação (Cosme e Trindade, 2010) onde os/as

alunos/as poderão ter abertura para exporem os seus problemas, dúvidas, anseios e onde a formação passará pela partilha de informação, sendo que os/as voluntários/as poderão (e deverão) falar da sua experiência, dos seus percursos académicos, numa tentativa de motivação, de exemplo, onde os/as mais novos/as possam encontrar esperança e motivação no e para o sistema de ensino, percebendo que é por esta via que poderão alcançar objetivos.

O *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*, como qualquer projeto, deverá seguir uma organização (nem sempre rígida, pois sabemos que ao trabalhar com pessoas, tudo pode ter de mudar de um momento para o outro) lógica e estruturada. Assim, depois de serem conhecidas as necessidades do Concelho e de se pensar um projeto que combatesse essas necessidades, tiveram de se definir objetivos e metas a alcançar. Posto isto e depois de o projeto estar desenhado e delineado, foi altura de ir junto das escolas ouvir quem nesta está diariamente para que o projeto pudesse ser adaptado às necessidades reais do contexto. Depois de aprovado, as etapas seguintes serão: i) enviar email aos/às estudantes universitários/as para que estes/as tomem conhecimento do projeto e possam inscrever-se enquanto voluntários/as; ii) realização das ações de formação aos/às voluntários; iii) apresentação do projeto aos/às alunos/as dos 7ºanos; iv) atribuir dois/duas a três alunos/as a cada tutor/a; v) arranque do projeto. Um outro momento será o momento da avaliação que terá lugar ao longo de todo o processo sendo mantido o contacto entre organização, voluntários/as e alunos/as. No final existirá ainda momento para a avaliação final, onde será feita a avaliação ao projeto com base nos resultados obtidos pelos/as jovens e pelos sentimentos positivos ou negativos que tanto alunos/as quando voluntários/as transmitam sobre a sua participação no EJPAE.

Os desafios de um estágio curricular passam pela adaptação a um novo contexto e pelo perceber como se poderão colocar em prática os conteúdos aprendidos durante a formação académica. Assim, este estágio curricular tornou-se bastante interessante, quer para o desenvolvimento de competências e crescimento a nível profissional, quer pelo desenvolvimento de competências a nível pessoal e social. Desta forma, o estágio na Câmara Municipal da Maia tornou-se num ponto de contacto com o mundo do trabalho institucional, permitindo-me vivenciar o dia-a-dia de uma instituição. Pude perceber que no mundo do trabalho existem constantemente constrangimentos àquilo que desejamos fazer. Assim, saliento a impossibilidade que tive em avançar com a implementação do

projeto já que existiam burocracias impossíveis de ultrapassar, tendo este de ser apenas um projeto pensado e projetado, mas não implementado. Existe a possibilidade de vir a ser aprovado, apenas o tempo que isso levará não se enquadra no limite de tempo que este estágio previa.

Como em todos os trabalhos desenvolvidos existem pontos fracos e pontos fortes. Este estágio, e a possibilidade de desenvolver este projeto, permitiram-me adquirir e pôr em prática competências de uma Mediadora Sócioeducativa e da Formação, como i) a conceção de um projeto socioeducativo; ii) conceber processos de formação a agentes educativos, neste caso aos /às voluntários/as, e ainda, iii) intervir em situações e problemas educacionais identificados, como o abandono e absentismo escolar, promovendo a qualidade de dispositivos de educação/formação, sendo a tutoria um desses dispositivos.

É fundamental que as investigações na área do abandono e do absentismo continuem a ser aprofundadas, pois “não é concebível que qualquer país possa atingir níveis elevados de desenvolvimento humano se a sua população possuir níveis de instrução rudimentares” (Sil, 2004: 11). É importante também perceber o porquê de o 7ºano continuar a ser um ano tão crítico no que respeita a retenções e a situações de absentismo escolar. É um ano de transição, mas é o ano de transição mais crítico entre os anos de transição e uma retenção neste ano letivo pode influenciar todo o percurso escolar dos/as jovens no futuro. É preciso perceber o que está por detrás deste problema para ser possível combatê-lo. Para mim, estas são as principais questões e preocupações que retenho deste processo de estágio e de escrita do relatório. Preocupa-me o facto de como este projeto outros também tentarem intervir neste nível de ensino, mas sem bases seguras de quais poderão ser as verdadeiras razões a ter em conta e a tentar combater.

Como Mediadora Sócioeducativa e da Formação considero que o desenvolvimento deste tipo de projetos na área da educação, bem como o envolvimento de entidades como as Câmaras Municipais e de toda a comunidade escolar e não-escolar, se torna fundamental já que a educação é um direito de todos e todas os/as cidadãos/ãs que deverão ter um papel ativo no bom desenvolvimento da sua comunidade. Claro que o Estado continuará a ser o principal responsável pela educação do país, contudo, as escolas deverão construir o “seu projecto educativo orientando-se para uma relação mais interactiva com a comunidade local” (Canário, 1995: 34), onde

todos/as deverão ter voz e participação ativa no desenvolvimento da educação *na, com e para* a comunidade, sendo objetivo desta o sucesso de todos/as os/as seus/suas alunos/as. Desta forma, a escola e a comunidade educativa deverão ser capazes de conhecer o melhor possível os/as seus/suas alunos/as, numa tentativa de adequar aqueles que são os currículos e conteúdos obrigatórios, um pouco aos gostos dos/as jovens. É fundamental que se criem momentos de abertura e partilha entre todos/as para que a escola se torne um espaço de bem-estar e de sucesso para todos/as os/as seus/suas intervenientes.

VII) Referências Bibliográficas

Abrantes, Pedro (2003). *Os Sentidos da Escola. Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade*. Oeiras: Celta Editora.

Abrantes, Pedro (2005). As Transições Entre Ciclos de Ensino: Entre Problema Social e Objecto Sociológico. *Revista Interações*, 1(1), 25-53.

Abrantes, Pedro (2009). Perder-se e encontrar-se à entrada da escola – Transições e desigualdades na educação básica. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 60, 33-52.

Alexandre, José Alberto Afonso (1999). *Insucesso escolar. O caso Português*. Mem Martins: Lyon Edições.

Álvares, Maria, & Calado, Alexandre (2015). Insucesso e Abandono Escolar: os Programas de Apoio. In Maria de Lurdes Rodrigues (Org.), *40 Anos de Políticas de Educação em Portugal: Volume I - A construção do sistema democrático de ensino* (pp. 197-230). Coimbra: Edições Almedina.

Amado, João, & Freire, Isabel (2002). *Indisciplina e Violência na Escola – Compreender para Prevenir*. Lisboa: Edições Asa.

Amado, João (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra: Coimbra.

Araújo, Helena Costa (1996). Precocidade e «retórica» na construção da escola de massas em Portugal. *Educação, Sociedade e Culturas*, 5, 161-174.

Araújo, Helena Costa (2007). Política da diferença e cidadania na nossa formação. Educação, Ética e Sustentabilidade. *Educação, Temas e Problemas*, 3, 159-168.

Azevedo, Joaquim (1999). *Inserção precoce de jovens no mercado de trabalho*. Lisboa: PEETI.

Barbier, Jean-Marie (1993). *Elaboração de Projectos de Acção e Planificação*. Porto: Porto Editora.

Baudrit, Alain (1999). *Tuteur: une place, des fonctions, un métier?*. Universitaires de France: Paris.

Baudrit, Alain (2009). *A Tutoria: Riqueza de um método pedagógico*. Coleção Ciências da Educação Século XXI. Porto Editora: Porto.

Benavente, Ana, Campiche, Jean, Seabra, Teresa, & Sebastião, João (1994). *Renunciar à escola: o abandono escolar no ensino básico*. Lisboa: Fim de Século.

Bernstein, Basil (1996). *Pedagogy, Symbolic Control and Identity*. Londres: Taylor & Francis.

Bogdan, Robert, & Biklen, Sari (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Bourdieu, Pierre (1978). “La «jeunesse» n'est qu'un mot”. Entretien avec AnneMarie Métaillé, paru dans *Les jeunes et le premier emploi*. Paris, Association des Ages. Retirado em 18/05/2016 [<http://www.hommemoderne.org/societe/socio/bourdieu/questions/jeuness.html>].

Canário, Rui (1995). Desenvolvimento local e educação não formal. *Educação, Cooperação e Desenvolvimento*, 11, 31-34.

Pierre, Bourdieu (1984). *Homo Academicus*. Paris: Éditions de Minuit.

Bourdieu, Pierre (2002). *Masculine Domination*. Standford: Standford University Press.

Capucha, Luís (2008). *Planeamento e avaliação de projectos. Guia prático*. Lisboa: Ministério da Educação.

Charlot, Bernard (2006). A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: Especificidades e desafios de uma área de saber. *Revista Brasileira de Educação*, 11 (31), 7-18.

Coleman, James (2011). O conceito de igualdade de oportunidades educacionais. *Educação, Sociedade e Culturas*, 34, 137-155.

Cortesão, Luiza, Leite, Carlinda, & Pacheco, José Augusto (2002). *Trabalhar por projectos em educação*. Porto: Porto Editora.

Cortesão, Luiza, Costa, Alexandra Sá, Rodrigues, Lurdes, & Trindade, Rui (2002). Mergulhando no arco-íris sócio-cultural. *Investigar em Educação – Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, 1(1), 19-97.

Cosme, Ariana, & Trindade, Rui (2010). *Educar e aprender na escola: Questões, desafios e respostas pedagógicas*. V. N. de Gaia: Fundação Manuel Leão.

- Fonseca, Laura (2001). *Culturas Juvenis, Percursos Femininos: experiências e subjetividades na educação de raparigas*. Oeiras: Celta.
- Glenn, A. Bowen (2009). Document Analysis as a Qualitative Research Method. *Qualitative Research Journal*, 9(2), 27 – 40.
- González, Álvarez (2004). La acción tutorial como factor de calidad de la educación. In *Contextos Educativos y Acción Tutorial*, (pp. 71-110). Ministerio de Educación, Cultura e Deporte: Estilo Estugraf Impresores, S.L.
- González, María Teresa González (2006). Absentismo y Abandono Escolar: Una Situación Singular de la Exclusión Educativa. *REICE – Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación*, 4(1), 1-15.
- Graue, Elizabeth, & Walsh, Daniel (2003). *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Guerra, Isabel Carvalho (2000). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia da Acção: O Planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: PRINCIPIA, Publicações Universitárias e Científicas.
- Goffman, Erving (1963). *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. London: Penguin Books
- Huq, Rupa (2006). *Beyond Subculture: Pop, Youth and Identity in a Postcolonial World*. London: Routledge.
- Jardim, Carolina Isabel Pereira Valente (2014). *Vindos da europa... sentidos e compromissos de uma experiência de serviço voluntário europeu*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Justino, David, & Rosa, Maria João Valente (2009). Contexto Envolvente e Factores Condicionantes do Trabalho Infantil (Demográficos, Económicos, Sociais e Culturais). In Manuel Lisboa (Coord). *Infância Interrompida. Caracterização das actividades desenvolvidas pelas crianças e jovens em Portugal* (pp. 35-82). Lisboa. Edições Colibri.
- Ludke, Menga, & André, Marli (1986). *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária.

Malafaia, Carla, Fernandes-Jesus, Maria, Ribeiro, Norberto, Neves, Tiago, Fonseca, Laura, & Menezes, Isabel (2012). *Agência e participação cívica e política: jovens e imigrantes na construção da democracia*. Porto: CIIE/Livpsic.

Mendonça, Alice (2007). Sucesso/Insucesso: Percursos da Organização Escolar. In Jesus Sousa, & Carlos Fino. *A Escola sob Suspeita* (pp. 397-414). Porto: Edições ASA.

Mota, Jorge Bruno Coelho (2013). *Tecendo Políticas de Juventude: Trabalhar em Rede Com e Para Jovens*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Nenga, Sandi Kawecka (2012). Not the community, but a community: transforming youth into citizens through volunteer work. *Journal of Youth Studies*, 15(8), 1063-1077.

Pais, José Machado (2005). *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro*. Lisboa: Ambar.

Pereira, Íris Sofia da Costa (2011). *A Ação da Autarquia da Maia no Combate do Absentismo e do Abandono Escolar: Análise e reflexão a partir de uma intervenção no âmbito da mediação socioeducativa com crianças e jovens em risco de abandonar a escola, suas famílias e professores/as*. Relatório de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Perrenoud, Philippe (2002). *A escola e a aprendizagem da democracia*. Porto: Edições ASA.

Perrenoud, Philippe (2003). Sucesso na escola: só o currículo, nada mais que o currículo!. *Cadernos de Pesquisa*, 119, 9-27.

Pinto, Conceição Alves (1995). *Sociologia da Escola*. Lisboa: McGraw-Hill.

Pinto, Pedro Luís Gomes (2009). *Gabinete de Apoio ao Aluno: Um espaço de mediação, de cidadania e de (re)construção de percursos escolares?*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Rocha, Cristiana da Silva (2011). *Mediar para prevenir: Uma ação de mediação entre a CPCJ e a Escola contra o abandono e absentismo escolar*. Relatório de Estágio,

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Rodrigues, Maria de Lurdes et al (2015). A Construção do Sistema Democrático. In Maria de Lurdes Rodrigues (Org.), *40 Anos de Políticas de Educação em Portugal: Volume I - A construção do sistema democrático de ensino* (pp. 35-88). Coimbra: Edições Almedina.

Semião, Filomena Maria da Rosa Coelho (2009). *Tutoria: Uma forma flexível de ensino e aprendizagem*. Dissertação de Mestrado, Universidade dos Açores, Açores, Portugal.

Serrano, Gloria Pérez (2008). *Elaboração de Projectos Sociais. Casos Práticos*. Porto: Porto Editora.

Silva, Sofia Marques da (2008). *Exuberâncias e (Trans)figurações de Si numa Casa da Juventude: Etnografia de Fragilidades e de Estratégias Juvenis para o Reconhecimento e para a Dignidade*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Silva, Sofia Marques da (2010). *Da Casa da Juventude aos Confinos do Mundo: Etnografia de fragilidades, medos e estratégias juvenis*. Porto: Edições Afrontamento.

Silva, Sofia Marques da (2013). Condição de Estranheza e Relação com o Mundo da Escola. In Manuel Matos (Coord.), *Jovales – Jovens, Alunos e Ensino Secundário*. Porto: CIEE/Livpsic.

Sousa, Rui (2003). *Factores da abandono escolar no ensino vocacional no ensino da música*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Stoer, Stephen, & Magalhães, António (2005). *A Diferença Somos Nós. A Gestão da Mudança Social e as Políticas Educativas e Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

Torres, Leonor Lima, & Palhares, José Augusto (2014). *Metodologia de investigação em Ciências Sociais da Educação*. V. N. Famalicão: Edições Humus.

Vaz, Henrique (2009). Mediação em Contextos de Formação como Reinvenção de Novos ofícios. O caso dos estágios e da licenciatura em Ciências da Educação na Universidade do Porto. *Educação, Sociedade & Culturas*, 29, 53-72.

Veiga, Feliciano (2007). *Indisciplina e violência na escola: Práticas comunicacionais para professores e pais*. Coimbra: Almedina.

Vicêncio, Ana et al (2004). *Abandono escolar*. Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia da universidade Nova de Lisboa.

Villas-Boas, Maria Adelina (2001). *Escola e Família – Uma relação produtiva de aprendizagem em sociedades multiculturais*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Willis, Paul (1991). *Aprendendo a ser trabalhador : escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Young, Michael (2007). Para que servem as escolas?. *Educ. Soc., Campinas*, 28, 1287-1302.

Zago, Nadir (2000). Processos de escolarização nos meios populares. In Marialice Nogueira (Org), *Família & escola – Trajetórias de Escolarização em Camadas Médias e Populares* (pp. 17-43). Petrópolis: Vozes.

Legislação Consultada

Lei de Bases do Sistema Educativo – Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro

DAR, I Série, nº 83/VII/1996/Junho/2803

Lei nº85/ 2009, de 27 de Agosto

Diário da República, despacho nº 2257/2013, artigo nº1

Despacho nº 2257/2013, artigo nº31

Outros Documentos

Chambel, Elza (2011). AEV - 2011 – A Força do Voluntariado

Comunicação da Comissão Europeia: Europa 2020 - Estratégia para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo

DGEEC- Regiões em Números 2013/2014 Volume 1 – Norte

Diagnóstico Social do Município da Maia - 2014

Plano Nacional de Prevenção do Abandono Escolar (2004). Ministério da Educação/
Ministério da Segurança Social e do Trabalho

Apêndices

Apêndice 1

Guião da Entrevista aos/às Diretores/as

Tópico:

Fale-me um pouco sobre aqui que achou do Projeto...

Pontos orientadores da Entrevista:

Existência de medidas semelhantes ou na mesma linha

Pertinência do Projeto

Aceitação ou não do Projeto por parte da Escola

Aspetos Positivos

Aspetos Negativos

O que mudaria

Apêndice 2

Entrevista 1

Eu: Bom dia. Sou estudante do 2º ano do Mestrado em Ciências da Educação. Estou a estagiar na Câmara Municipal da Maia e venho aqui para lhe apresentar o Projeto que estamos a desenvolver na linha da prevenção do abandono e absentismo escolar. Pensamos então um projeto e demos-lhe o nome de *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*. A ideia geral deste Projeto seria pensar em alunos do ensino universitário e propor-lhes que eles viessem às escolas dar apoio tutorial a alunos do 3º ciclo. A ideia é que os alunos universitários viriam aqui às escolas e os alunos ficavam na sua escola base, uma vez por semana. As sessões teriam uma duração de 1h/1:15h no máximo, nunca mais que isso porque a carga horária já é elevadíssima. Pensamos que poderiam ser dois ou três alunos por cada voluntário, por cada tutor e aqui a ideia seria não só trabalhar o cognitivo do aluno, não é? Fazendo fichas de trabalho, fazer os trabalhos de casa... era um pouco mais além! Era tentar desenvolver a criatividade, o raciocínio, talvez a cidadania e entreajuda. Nós achamos importante a entreajuda entre gerações, entre os jovens universitários, que são voluntários, e os

alunos daqui da escola e também entreajuda entre os próprios alunos, por isso é que pensamos sessões entre dois e três, para eles se poderem ajudar entre si. Pronto, queríamos também pensar algumas... não era só aquele regime de “vamos sentar os três meninos com o tutor e fazer a ficha, o trabalho de casa... mas também pensar se calhar em conjunto com eles «o que é que gostavas de fazer?», «o que é que achas... que disciplina gostas mais?»...”. Se calhar pegar por aí e tentar trabalhar também as outras [disciplinas]. Era assim algo mais interativo, que fosse mais ao gosto dos alunos.

E o que eu gostava de saber da Professora, é o que a Professora pensa do projeto... se já tem alguma medida aqui na escola nesse sentido, se não tem...

Diretora: Hum... não! Nestes modos assim não. Nós o que fizemos durante algum tempo, 2 anitos sensivelmente, foi o chamado “apadrinhamento”. Tínhamos um responsável por um miúdo mais pequenino. Pronto... normalmente eram alunos mais velhos, lá está! Claro que não do ensino superior, não é? Que nós não temos cá, é óbvio. Também não tínhamos ainda secundário cá, portanto eram alunos de 8º/9º que apadrinhavam 5º anos. Fundamentalmente 5º anos até por causa da integração do aluno na escola. Pronto, hum... mas em termos assim práticos havia alguma relação, mas não havia a obrigatoriedade de reunir por semana, como vocês aqui pretendem.

Agora, tenho aqui um... uma questão para colocar que eu não sei se me pode esclarecer, que é o seguinte: Falou em 1h/1:15h mais ou menos por semana para 2/3 alunos, eu percebi até porque também um grupo grande não resulta, não é? Nós temos cá uma psicóloga que está a fazer isto, não é? E ela só tem 20h por semana, está colocada a meio tempo... e ela está a fazer alguma intervenção, nomeadamente em grupos restritos de integração... hum, por causa exatamente de miúdos que têm dificuldades, mas também miúdos que faltam bastante... temos aqui uns 4/5 casos e mais centrados no 5º/6º ano do que propriamente mais adiante... E agora, 1h/1:15h seria em componente letiva ou não letiva?

Eu: É assim, isto seria conforme a disponibilidade dos alunos. Teríamos de ver a disponibilidade dos alunos.

Diretora: Pois, mas é assim... porque é que eu digo isso? Porque se for em componente letiva vocês vão ter muita dificuldade. Muita dificuldade porque os programas são muito extensos e efetivamente perder aulas entre aspas e estamos a falar de uma sessão

por semana, não é? Seria numa determinada disciplina, a ser numa determinada disciplina, não é? E iríamos apanhar, mesmo que mudando de disciplinas, iríamos sempre apanhar uma ou outra coincidente ou...

Eu: É. Não é nunca para interromper as aulas!

Diretora: Pronto, se for de Literacia... Nós temos aqui uma área que é a área complementar aqui que é “Literacia e Cidadania” e nessa área nós temos três áreas fundamentais para trabalhar por decisão do Conselho Pedagógico. Primeira área são as regras. As regras, regulamento interno, estatuto do aluno, as regras, o civismo na escola. Pronto, sala de aula e fora da sala de aula, hum, portanto, escola mesmo. Depois temos uma área que é a área de educação sexual, porque a educação sexual é obrigatória nas escolas. É uma segunda área que nós temos de desenvolver e desenvolvemos aí. Terceira área, corresponde mais ou menos ao 3º período, mas a gestão é do professor, obviamente, pode inverter estas áreas... a terceira área é a literacia, portanto é o português digamos, é a leitura, é a escrita, pronto... portanto é uma área mais orientada pelos professores de português. Portanto, eu em termos de disciplinas e esta área que nós temos que é Literacia e cidadania que nós temos, não estou a ver grandes possibilidades de o fazer. Fora desta área ou desta disciplina... hum, é assim... talvez! Mas os nossos horários aqui estão muito compactados, o que quer dizer que os miúdos, por exemplo, têm 3 tardes livres, não é? Ao terem 3 tardes livres e não sendo possível meter essa hora naqueles dias, não é? Vamos abrir uma tarde e não acredito, pela prática, não acredito que eles fiquem. Primeiro porque implica almoço, portanto é mais um gasto. Implica depois transporte. E aqui esta zona é muito mal servida em termos de transporte...

Eu: Pois, estão aqui um pouco escondidos...

Diretora: É! É muito mal servida em termos de transportes. Ali na rua principal, que é a nacional 318, passam ali vários transportes, mas nem sempre os alunos tem transportes para onde é a residência, assim com tanta frequência quanto eles gostariam. Portanto às vezes o que acontece é que se o aluno perder por exemplo a “41”, se ele perde às duas horas depois só tem às cinco e meia. Portanto, às vezes é complicado, porque ele começa a pensar “bem, ok, eu vou ter de ficar aqui para almoçar, depois de almoçar vou ter de ficar aqui, vou ter até às quatro, depois tenho de estar aqui uma hora e meia à espera do transporte. Às vezes torna-se meio complicado esta gestão! Mas não

quer dizer que não se consiga fazer isso assim. Ou fazer por exemplo, quando o aluno sai às quatro e meia, porque alguns saem às quatro e meia, poder estar cá uma hora a seguir, não é? E temos aí uma turma ou outra que eu, que eu digo, efetivamente eles entram às 9 e 25 neste caso. Pronto, portanto, aí nessas turmas havia a possibilidade. Não consigo é garantir, olhando para as turmas, quais são os alunos que estão nesse risco.

Eu: Sim, isso...

Diretora: Por exemplo, à Dr^a Soraia já foram sinalizados alguns alunos daqui e esses alunos são alunos que revelam falta de assiduidade, que estão a ser seguidos pela CPCJ à não sei quanto tempo, alguns até já passaram pelo tribunal de menores, por aí fora... efetivamente, quer dizer... continuam a faltar, continuam a faltar...

Eu: Pois, por isso é que queríamos tentar intervir um pouco antes. Incentivá-los de alguma forma... Isto não é fácil, não é?

Diretora: Nós podemos tentar! Podemos tentar, podemos tentar se calhar arranjar aqui umas horas que desse... se calhar não cobrir, se calhar todas as que queríamos cobrir...

Eu: Sim, eu vim aqui mesmo para isso, para tentar perceber o que a Dr^a achava... os pontos fortes, os pontos fracos, a aceitação. O que se calhar também posso melhorar neste projeto. Isto ainda está numa fase em que pode ser melhorado a todos os níveis e por isso é que também decidimos vir às escolas, para ouvir opiniões de quem está dentro da escola.

Diretora: Pronto, mas é assim: eu acho que como nós temos a psicóloga cá a meio tempo, acho que ela está só com 20h, ela tem, ela tem muita coisa para fazer obviamente, não é? Porque estamos a falar de um agrupamento, não estamos a falar apenas da escola, estamos a falar de todo um agrupamento, e o nosso agrupamento é constituído por mais 7 escolas. Portanto, nós temos aqui uma dispersão de estabelecimentos. Agora, eu penso que será um trabalho interessante. Até pode ser um trabalho a fazer-se no 1º ciclo. Aqui também, mas um trabalho no 1º ciclo, porque não também pensar nisso dentro daquelas possibilidades que nós aqui temos? E se calhar podíamos arrancar, sei lá, com 2 ou 3 tutores, não é? Hum... ver se conseguimos 4, 5, 6 alunos cá, por exemplo, dentro de um horário que seja um horário permitido. Agora, é assim, este tipo de projeto tem ser levado a conselho pedagógico, preciso de falar com a

psicóloga da escola e eu vou fazer pedagógico na primeira semana do 3º período, portanto se me puder enviar por email alguma coisa...

Eu: É assim, o projeto ainda está em fase de construção. A ideia, se o projeto realmente avançar, seria implementá-lo apenas no próximo ano letivo. Este ano letivo já nunca será, porque já vamos agora para o 3º período...

Diretora: Depois também temos de pedir as autorizações aos encarregados de educação... pronto, uma série de coisas. Primeiro, ele [projeto] tem de ser aprovado...

Eu: Eu queria fazer uma questão, que eu estou com algumas dúvidas neste aspeto, até por questão ética. Já tenho perguntado a várias pessoas, mas queria a sua opinião. Como é que a Drª acha, aqui na escola, que alunos ou como é que se poderia propor esses alunos para as tutorias?

Diretora: Para virem a estas sessões?

Eu: Sim. Porque é assim, lá está, se formos só buscar os ditos “maus alunos”, não se vai criar mais uma vez aquele estereótipo dos maus alunos é que vão ter um apoio? Eu tenho muito... ando com muitas dúvidas em relação a isto...

Diretora: Hum... tudo depende... quer dizer, tudo depende da forma como é abordado. Eu penso que se nós começarmos por lhes mostrar, com determinadas estratégias e atividades, lhes fomentar o gosto pela escola, pelas disciplinas, hum... quer dizer, é mais pelo estudo. Porque nós temos aqui um caso, por exemplo, do aluno X, que é conhecido na CPCJ e etc, que é um miúdo que vem para a escola, gosta da escola, recusou-se a sair da escola no final do ano passado... porque estava a tentar encaminhá-lo a todo o custo... ele já tem 15 para 16 anos, por aí, e está no 6º ano de escolaridade! Ele falta muito às aulas, porque não gosta das aulas, ele não gosta de estudar. Ele gosta da escola e recusou-se a sair aqui da escola. Eu queria que ele fosse para a escola da rede dele, que é neste caso São Romão, Covelas, mas ele recusou-se! “E não, e não! E não vou, e não vou, e não vou!”. E consegui que, a CPCJ neste caso, pedisse para ele cá ficar. Pronto, hum... ele continua a faltar imenso! Ele gosta da escola, gosta de andar por aqui, gosta de entrar, gosta de sair e gosta de estar por aqui, não gosta de ir às aulas. E então a determinadas aulas, é que ele não gosta mesmo! Porque é preciso, sei lá, trabalhar, estudar, empenhar-se e ele não vai, não vai, não gosta. Portanto, se calhar, tentar, no sentido de tentar fomentar o gosto pelo estudo, pelas disciplinas, pela

escola... pronto, e fomentar esse gosto, com estratégias, sei lá, sem ser assim numa sala de aula, sentado. Ser numa biblioteca, por exemplo... Sei lá, nos grandes grupos com atividades. Começar por uns jogos...

Eu: Era... era um pouco essa a ideia, era mesmo...

Diretora: Era melhorar entrar por aí do que pô-los sentados, não é? Portanto, sentá-los e dizer assim “olha, vocês agora comecem a falar sobre não sei quê”. Pronto, esta interação eu acho que devia de vir depois. Algo mais lúdico. Tentar apanhá-los mais, não é? E depois então, pronto, vamos lá ver... então, nem que fosse as próximas sessões, as segundas/ terceiras sessões, assim um bocado talvez mais sentadas, mas talvez não num espaço sala de aula... eles não se reconhecem é por vezes no espaço sala de aula!

Eu: Pois, o ter de estar sentado...

Diretora: Ter de estar sentado, ter de cumprir regras, de quando eles precisam de falar ter de levantar o dedo, etc. eles não se reconhecem nisto... Eles reconhecem-se é, por exemplo, às vezes a entrar de boné, não é? Porque estão habituados a isto, porque eles entram em casa de boné, eles sentam-se à mesa de boné, eles entram no autocarro de boné... então eles entram numa sala de aula de boné, o que... eles sabem que não podem fazer, porque está no regulamento interno inclusive, mas isto já é natural deles, isto é natural. Isto é uma coisa que eles já fazem por instinto.

Eu: Pois, porque para eles não é mal e não sentem isso como falta de respeito...

Diretora: Exatamente!

E o projeto seria o quê, para o próximo ano, este ano...?

Eu: Este ano já não...

Diretora: Então é assim, então poderia se calhar dar mais tempo... Em vez de fazer já nesta primeira... neste primeiro pedagógico, levar mais para o final do ano. Nós costumamos fazer pedagógicos sempre em Julho, primeira quinzena de Julho, há sempre pedagógicos, portanto tem por referência meados de Julho mais ou menos. Hum, não pode é avançar mais do que isto. Pronto, se tiver essa referência por meados de Julho e se tiver o projeto totalmente construído, se calhar aqui...

Eu: Pois, porque nós temos a ideia... e depois pus-me a pensar e achei fundamental vir junto das escolas perceber com quem está no contexto. Tem sempre ideias mais claras e mais concretas do que realmente pode ser e pode não ser. Senti que estava na hora de ir ao terreno perceber o que as pessoas acham e ter um feedback para depois também construir um pouco mais a partir daí.

Diretora: Claro, claro. E faz todo o sentido isso... Tem de pensar muito bem é o público-alvo...

Eu: Nós tínhamos pensado o 3º ciclo, porque os dados estatísticos indicam que o 7º ano é o ano onde existem mais reprovações...

Diretora: É, é! E vocês podem pegar por aí. Do 6º para o 7º ano, ou até do 4º ano para o 5º ano, já há... embora os resultados não sejam tão negativos quanto do 6º para o 7º, mesmo assim já aqui um... um salto, um salto grande. O salto maior é do 6º para o 7º, não há dúvidas! E vocês podem pegar por aí até para tentar explicar junto desses miúdos... tentar perceber junto desses miúdos, pronto, o que é que se passa. Esta articulação do 6º para o 7º o que é que se passa?! Qual é a falha que há aqui para não...

Eu: E até o maior salto, se formos a ver, é do 4º para o 5º. Os alunos mudam de escola, mudam o número de professores...

Diretora: O número de professores, de 3 “disciplinitas” ou 4, passam para 7 ou 8...

Eu: E depois do 6º para o 7º, que as mudanças não são assim tantas, há essa falha e penso que ainda ninguém conseguiu perceber muito bem porquê. Já li alguns estudos e não há grandes explicações.

Diretora: É difícil, é difícil. É difícil perceber é... existem vários fatores que nós não conseguimos controlar, dominar...

Eu: Sim, porque por lógica, deveria ser mais do 4º para o 5º devido a todas as mudanças envolvidas no processo...

Diretora: Pronto... Depois então, qualquer coisa tem o nosso mail, não tem?

Eu: Sim sim...

Diretora: Então depois, mais alguma coisa, o que faz é enviar um email e depois logo se vê...

Eu: Ok Professora. Muito obrigada por me ter recebido e me ter ajudado

Apêndice 3

Entrevista 2

Eu: Eu queria agradecer desde já terem-me recebido. estou no segundo ano do Mestrado em Ciências da Educação e eu... fui fazer o estágio... neste último ano nós podemos escolher estágio ou seguir mais pela área da investigação... eu escolhi estágio e fui para a Câmara Municipal da Maia para a Divisão da Educação. Eu já tinha lá estado na Licenciatura e gostei bastante. Estive no Projeto *Maia Não Desiste* e a partir daí comecei-me a interessar pela temática do abandono e do absentismo escolar, comecei a entrar mais por esse campo, porque gostei bastante. Pedi então se poderia ir novamente para a Câmara e... quer dizer, o projeto *Maia Não Desiste* intervém quando o problema já existe, quando o aluno já incorreu no problema do absentismo ou do abandono é que o projeto *Maia Não Desiste* intervém. Achamos então que seria interessante, seria importante, pensar um projeto que começasse a intervir...

Subdiretora: Preventivo...

Eu: Preventivo, exatamente! Ainda antes de o problema existir. Então, foi assim que surgiu o *Entre Jovens – Prevenir o Abandono e Absentismo escolar*. E em que é que consiste o Entre Jovens? O Entre Jovens consiste num apoio tutorial entre estudantes universitários que se pudessem deslocar às escolas, ou seja, os alunos nunca saíam da sua escola, os voluntários é que se deslocariam aqui à escola para dar um apoio de 1h semanal, mais ou menos, e era 2 ou 3 alunos. Não seria individual, pois achamos que individual seria muito “eu explico, tu perguntas”, muito “explicações” e nós queremos fugir um pouco a esse registo. Então pensamos 2 a 3 alunos para um tutor, hum... e aqui talvez fosse importante, em vez de ser no contexto sala de aula, porque o contexto sala de aula traz logo aos alunos uma ideia mais formal ou mais pesada... talvez na biblioteca ou assim num espaço que a escola tivesse. Hum, aqui não era só perguntar “olha, onde tu tens dúvidas?”, “vamos-te explicar isto e isto”, era mais em conjunto, o tutor e os 2/3 alunos, perceber, hum... fazer algumas atividades e estas atividades

promovessem a criatividade, a imaginação... e ao mesmo tempo que estávamos a trabalhar neste sentido, estávamos a trabalhar também as disciplinas... Isto depois iria de ter de ser pensado! Por isso é que também pensamos fazer, desenvolver 2 ou 3 ações de formação direcionadas aos voluntários antes de o projeto arrancar. Estas ações de formação seriam para todos em conjunto podermos debater e perceber estratégias que seriam interessantes para depois desenvolver com os alunos, para fugir exatamente a este registo (de explicações). Também era aqui importante desenvolver a solidariedade, pois os alunos universitários são apenas voluntários não tendo qualquer tipo de remuneração e também entreajuda entre os alunos, porque estando 3, eles acabam por se ajudar, é “eu sei mais isto”, “eu sei mais isto”, “ora dá cá que eu ajudo-te”... um bocado nessa base.

Agora que temos o Projeto mais ou menos desenhado, achamos importante vir junto das escolas... vocês é que estão aqui, vocês é que tem uma ideia mais clara daquilo que pode ser, do que não pode ser, o que é que se passa... e queria discutir um pouco aquilo que vocês acham do Projeto, hum... se já existem medidas aqui na escola nessa linha da prevenção...

Subdiretora: Nós temos tutoria, de facto, nas horas que nós temos disponíveis. Normalmente o espaço é de sala de aula, normalmente individual, hum... pontualmente temos tutoria com 2 ou 3 alunos, mas, hum... ou porque eles pertencem à mesma turma, ou tem alguma afinidade e portanto até acabam por preferir ir juntos. E de facto às vezes isso acontece. Hum... tutoria em sala de aula... como nós temos o apoio ao estudo no 2º ciclo e as salas de estudo... as tutorias de facto quando são direcionadas para o sucesso escolar, que são sempre!, tem mais a ver até com a organização do estudo, do que propriamente com o estudo. Portanto, também porque é 50 minutos semanal, o que significa que não dá para estudar todas as matérias, portanto é sempre muito mais vocacionada para uma organização do estudo, uma organização do calendário, de ver quando é que são os testes... portanto, de ensinar os alunos a gerir...

Eu: A gerirem o tempo...

Subdiretora: Exato! Quando em casa, pronto, por vários motivos, isso não é feito. Hum... relativamente aquilo que disse de ser outro contexto que não o de estudo, nalguns casos pontuais temos isso, por causa das características dos alunos, percebe? Nós temos um projeto ali na estufa, e há uma menina que quer muito... tem alguns

problemas a nível de contexto familiar e ela quer muito ser jardineira e portanto nós vocacionamos a tutoria dela... é feita com a professora tutora na estufa, desenvolvendo outra parte que não exatamente a de estudo, mas para ela começar a conhecer, começar a tomar gosto por aquela profissão por exemplo. Não quer dizer que...a maioria deles não, pronto. A maioria deles são mesmo ao nível da organização de estudo. Mas pontualmente, por exemplo, temos uma tutoria com uma menina que tem algumas necessidades educativas especiais e que tem imensos problemas ao nível da educação visual e portanto canalizamos a tutoria para isso com um professor que tem mais competências nessa área... tentamos... tentamos dar resposta na tutoria às necessidades do aluno ou até aos gostos deles para os trazer para a escola. Tentamos fazer isso!

Diretor: E nem sempre está associado ao absentismo ou abandono escolar. Não é regra que se dá a tutoria só nesses casos, existem outros casos. E alguns desses jovens nem são jovens em regime de absentismo ou abandono...

Subdiretora: Pelo contrário! Até passam é aqui muito tempo. Agora, em que é que o projeto que apresentou é uma mais-valia?

Diretor: A dificuldade agora até está no prevenir. Que situações é que nós podemos prevenir? A maior parte das vezes e alguns dos casos que nós temos de abandono, hum... não são previsíveis. São previsíveis só porque já aconteceram o ano passado e portanto vai acontecer este ano.

Eu: Pois, eu vou explicar, que me esqueci de explicar... Há estudos que indicam que... aqui o que nós queremos fazer é prevenir as retenções, porque há estudos que indicam que alunos que reprovam mais que uma vez tendem...

Subdiretora: Tendem a abandonar...

Eu: Tendem a abandonar depois. Por isso é que o objetivo era tentar melhorar as notas, hum... a meta seria melhorar as notas em relação ao ano transato, que eles conseguissem então transitar de ano, numa tentativa de prevenir um futuro abandono ou absentismo escolar, era nessa linha...

Subdiretora: O vosso projeto tem duas mais-valias, no meu entender, muito grandes que é primeiro a disponibilidade de virem à escola, porque na nossa falta de recursos, nós temos tutorias mas não conseguimos abarcar as necessidades de tutorias que temos,

e o segundo é o facto de se houver essa formação inicial, o facto de serem pessoas mais jovens, que não seja um adulto, e que venha dar contributos positivos no sentido de...

Diretor: “Olha para mim”, “Olha para o meu exemplo”

Subdiretora: Exato!

Eu: Até por uma proximidade de idades...

Diretor: E não ser professor. Só o aluno saber que não é um professor...

Subdiretora: Claro! E para, para mim o projeto já vale por isso! Portanto, se for para a frente...

Eu: Haveria aceitação por parte aqui da escola para tentarmos arranjar, hum... horários...

Subdiretora: Claro!

Eu: E depois eu tenho, eu tenho outra dúvida. Isto é mesmo uma dúvida e eu queria perguntar se vocês me poderiam ajudar. Eu já tenho pensado muito nisto. Como é que... quando é tutorias tendemos sempre a procurar os alunos com baixos resultados escolares e isso pode sempre tender para estereótipos, para os outros alunos olharem para eles como “lá vão eles para mais um apoio”... e o que eu gostava de perceber é se vocês tem ideia de como se poderia fazer... se acham que só se proporia alunos que tem baixos resultados ou se seria até interessante juntar um ou dois com maus resultados e um que até tivesse bons resultados...

Diretor: Repare uma coisa, o facto de estar um aluno em tutoria, o resto da turma não tem de saber nem sabe disso. Não há nenhuma marca que identifique que vai ser o António ou o Joaquim que vai para a tutoria porque tem mais resultados. Nós... os que temos aqui em tutoria, se calhar nem eu, nem eu, sei quem são.

Subdiretora: Normalmente as tutorias, tal como os apoios, são colocados em horário contrário, por exemplo, o horário da turma é mais da parte da manhã, é numa tarde livre que se colocam esse tipo de apoios. Hum, depois... realmente, no início estigmatizam. Há alunos que não se importam com isso. Por exemplo, eu posso-lhe dizer, e não é estar a carimbar, mas os alunos do bairro estão imensamente habituados a tudo quanto é apoios, etc e não se incomodam muito com isso. Hum... há meninos, por exemplo,

temos ali uma unidade em que às vezes há alunos que vão normalmente às aulas e depois tem uma hora semanal de apoio na Educação Especial e rejeitam porque não querem ir para o Pavilhão 1, que é o pavilhão da unidade. Marcamos o apoio noutra pavilhão, noutra sala e portanto é o professor da educação especial que se desloca. Nós tentamos um bocadinho contornar isso. Depois, tem a ver com, hum... a motivação. No início, até os pais... para eles tutoria ainda é uma coisa do tribunal, porque há medidas do tribunal que se chamam tutorias, e há pais que até rejeitam as tutorias. Por vezes os alunos até querem vir à tutoria (olhe que já me aconteceu isso!), e são os próprios pais que não querem. E então nós pusemos a tutoria ali no meio... bem, demos-lhe um bocado um outro nome...

Diretor: Se lhe der um outro nome a coisa é capaz de pegar mais facilmente.

Subdiretora: Se o projeto em vez de ser um projeto tutorial, ser um projeto, hum... Sei lá! Qualquer outra coisa que não tenha a palavra tutoria. Porque às vezes são os próprios pais que têm medo dessa palavra.

Diretor: Até porque atrás disso, para eles, para os pais, vem o problema do tribunal e de um subsídio qualquer que vão perder...

Subdiretora: Em relação ao início... já nos aconteceu isso, de no início o professor andar atrás do aluno e depois conquistou-o e é o aluno que o procura até mais do que uma vez por semana e até lhe vai contar as notas e os sucessos ou o que aconteceu de mal e começa a confiar nele e a criar uma relação com ele...

Eu: Sim, eu penso que na primeira/segunda semana seria importante não começarmos logo com... antes umas atividades assim mais leves para os cativar, para os chamar...

Subdiretora: Nos primeiros anos que eu estive aqui na direção, hum... pensei nesse projeto que, por exemplo, nos Estados Unidos acontece, que é tutoria entre pares. Hum, o que é que isso implicava? Implicava uma logística... primeiro é a nossa política educativa que não tem isto previsto e depois é difícil começar a implementar esse tipo de situações. Existe às vezes em sala de aula... Há alunos que assumem um bocadinho esse papel. Hum... e depois tinha o tal problema da falta de formação, ou seja, nós estávamos a colocar um peso enorme em cima dos miúdos. Aqui não, lá está! Por um lado são iguais, mas por outro lado são entidades exteriores ao contexto escolar e talvez funcione, talvez funcione!

Eu: Pois, eu...

Diretor: Padrinhos! Padrinhos em vez de tutores...

Subdiretora: Pode-se chamar, por exemplo, Padrinho...

Eu: Padrinho lembra-me um pouco a máfia (risos)

Diretor: Nós fizemos esse estilo de apadrinhamento. Chegamos a fazê-lo e ainda fazemos do 9º com o 5º, mas é mais global. E por exemplo, nós tínhamos esse sistema de ajuda existia e ainda existe nas turmas dos alunos com Necessidades Educativas Especiais, portanto é a própria turma que ajuda os alunos com NEE e ajuda em muitas coisas.

Eu: Os alunos com NEE estão inseridos nas turmas regulares?

Diretor: Sim. Alguns, aqueles que é possível... E esses têm a ajuda da turma e a turma desde o 1º ciclo habituou-se a olhar para ele e a trabalhar com ele.

Eu: Eu lembro-me no meu tempo na escola primária tinha uma menina na turma que ela tinha trissomia 21, mas bastante profundo, e nós andávamos sempre à volta dela a saber se ela precisava de alguma coisa... É natural para nós. Mesmo no recreio estávamos sempre preocupados com ela.

Subdiretora: E é assim, é o que eu digo, depende sempre da conquista que o tutor ou o padrinho, o que quer que seja, depois faça, porque no início eles... até porque é mais uma hora, etc. Mas depois eles acabam por reagir positivamente. Se houver ali uma ligação e mais ainda se for em grupo melhor, porque eles nestas idades ainda funcionam muito por grupos, portanto 2/3 alunos, 4, dependendo das situações, hum... são capazes de...

Eu: Sim, eu também foi por isso, também para ser mais dinâmico. Porque lá está, se for só um aluno vai cair na “explicação”, no sistema “explicações” e acaba por haver desinteresse e não passa pelos nossos objetivos. Se for em grupo é sempre diferente. Cria-se outro à vontade, é mais dinâmico, e talvez se chegue ao que é pretendido, atingem-se na mesma os resultados.

Outra questão: pelo facto de não ser obrigatório... porque a Dr^a disse que tenta sempre fazer em horário inverso, quando tem aulas de manhã tentar pôr a tutoria ou o apoio à tarde. Eles ficam normalmente, ou não ficam...?

Subdiretora: Depende do grau de interesse! É isso que eu lhe estou a dizer. Neste momento nós temos 38 alunos com tutoria e este ano são muitos porque foi colocada cá uma colega com horário zero e portanto houve de facto um número de horas disponíveis, não costumamos ter tantos. Hum... que desses 38, 5 alunos no total, nunca tenham aparecido à tutoria, ou seja, rejeitaram completamente e dois deles foram os próprios encarregados de educação que não aceitaram. O que é certo é que os outros têm.

Diretor: Porque é sempre preciso uma breve autorização do Encarregado de Educação.

Eu: Sim, sim, isso eu sei...

Subdiretora: E portanto, na sua maioria, hum... acedem. Agora, há sempre essa possibilidade, mas não é maioritário!

Eu: Isso é bom, porque eu fui a outra escola e a professora disse que... normalmente, eles tentam compensar os horários, ou só de manhã ou só de tarde e como a escola tem poucos transportes públicos perto, ela disse que se calhar ia ser difícil porque os alunos tem um autocarro, por exemplo, à uma e tal e depois só tem outra vez por volta das cinco...

Subdiretora: Mas aqui a questão é não querendo estigmatizar, o que é certo e é verdade é que os alunos que tem essas necessidades são aqueles que passam aqui a maior parte do tempo, ou seja, que os pais trabalham, que não há condições económicas para os ter num ATL e portanto são esses os alunos que tem essa disponibilidade e que acedem. Portanto, tudo isso se conjuga, aliás, o Estado está a pensar no tal prolongamento da escola, exatamente para dar resposta a este tipo de alunos que não tem para onde. E é como eu lhe digo, às vezes é mais... não é uma vez por semana que vai fazer que se estude com o aluno todas as matérias, é impossível. Portanto o que tem é que se criar competências de estudo, é mais nesse nível que temos de trabalhar com eles...

Eu: Sim, competências de estudo e talvez o interesse pela escola...

Subdiretora: Até pode ser, suponhamos que um tutor é de desporto, da faculdade de desporto e educação física, pode criar, pode-se arranjar um conjunto de miúdos, como há, os grupos de desporto escolar... o desporto escolar traz muitos miúdos à escola e fá-los ver a importância da escola e isso é...

Eu: Sim, porque eles se tiverem um interesse pela escola também, possivelmente, as notas irão subir, porque eles estão nas aulas e começam a ver interesse, a ver futuro. E lá está, os estudantes universitários será bom talvez para eles verem “Ah, se calhar se eu estudar, também posso chegar onde ele está”...

Subdiretora: E ver as experiências de vida, claro!

Eu: Podem-se refletir na outra pessoa e pode ser que quiserem talvez ser assim, chegar onde eles chegaram, pode ser uma motivação... para eles até pensarem “Vou estudar e um dia vou chegar onde ele chegou”...

Subdiretora: Mas aqui isto é uma escola bastante central, em que os alunos moram aqui nos arredores e...

Diretor: Não há problema de transporte.

Subdiretora: Não haverá esse problema.

Será para começar no próximo ano letivo?

Eu: É assim, ainda estamos em fase de desenvolvimento do projeto. Nesta fase, achei importante vir aqui às escolas, para finalizar de uma forma em que se considere coerente e em que se considera que realmente o projeto possa avançar, só que isto tem de passar pela Câmara. Sem a Câmara aceitar eu não posso apresentar o projeto às escolas. Estou a desenvolvê-lo com a ajuda da Dr^a Soraia e depois de finalizado será para apresentar a quem de direito.

Subdiretora: O fundamental é a formação dos alunos que vierem para cá dar as tutorias!

Eu: Para isso é que estão cá as Ciências da Educação!

Subdiretora: Pois, porque às vezes eles tem muito boa-vontade, mas nem sempre estão a seguir o caminho correto...

Eu: Sem a formação, penso eu de que irá cair, lá está, na “explicação”. E a formação nesse sentido seria fundamental para se criar alguma coisa dinâmica e diferente.

Subdiretora: Quando a Ana Sofia vier ter connosco e disser “Olhe, o projeto é para implementar”, rapidamente lhe dou uma lista de alunos, crio os grupos, faço o horário... Numa semana tem isso tudo pronto! Da nossa parte existe abertura e quando me disser que estão reunidas da vossa parte as condições para o projeto arrancar também facilmente... eu estou a dizer uma semana, mas duas pronto, com as autorizações... o aluno ter tempo de levar a autorização, e ela vir assinada.

Eu: Isso é ótimo! Queria então agradecer a vossa ajuda... eu penso que este é um bom projeto, não é por nosso, mas acho mesmo que é um bom projeto...

Diretor: Sim, porque por cada aluno retido o Estado paga muito!

Subdiretora: Pode até usar esse argumento, porque é mais fácil investir preventivamente do que depois os custos para o Estado das retenções e dos abandonos escolares.

Diretor: Um aluno que retém dois e três anos continua aqui e tem de estar aqui até aos 18 anos... E o Projeto Maia Não Desiste, a CPCJ e afins chamam os alunos, eles entram bem, vem à escola uma ou duas semana e depois acabou, voltam outra vez a incorrer em absentismo. E é por isso que se calhar tem razão, porque ao prevenir nós não retemos e eventualmente eles até podem num ano não aprender nada, porque eu acredito que também depende um pouco da empatia que se cria com os professores o saber ou não saber as matérias, e quanto muito estou aqui até aos 18 anos e sempre saio a saber alguma coisa! Assim, saio aos 18 anos sem saber coisa nenhuma...

Subdiretora: E a perspectiva da tutoria é exatamente essa: sair da escola com um grau de formação que me qualifica-se para alguma coisa. E o básico não qualifica para nada... A nível do básico, o que tem de trabalhar essencialmente é o criar o gosto por eles gostarem de estudar, de sentirem que é importante aprender... a nível do básico é isto!

Eu: Nós tínhamos pensado este projeto no 7º ano porque...

Subdiretora: Porque é onde há o maior número de retenções e de absentismo...

Eu: Exatamente! E nós tínhamos pensado começar por aí, também justificando com isso...

Subdiretora: Se reparar, se eu lhe mostrar, temos dois absentismos no 6º ano e são alunos NEE, tudo o resto olhe... tudo 7º ano! E de facto os alunos que recorrem em absentismo são alunos que já têm retenções no seu percurso escolar, que tem famílias com problemas de estrutura, que tem necessidades educativas especiais, hum... normalmente passa por aí. Sou capaz de os caracterizar todos por aí...

Eu: Pronto, realmente a vossa opinião foi importante e irei continuar a pensar estas questões para desenvolver o projeto.

Obrigada pela disponibilidade e pela ajuda.

Apêndice 4

Entrevista 3

Eu: Bom dia. Desde já agradeço a sua disponibilidade para me receber. O meu nome é Ana Sofia e sou estudante do 2º ano do Mestrado em Ciências da Educação e vim aqui apresentar-lhe o projeto *Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar*. Este projeto prevê um apoio tutorial que seria feito da seguinte maneira: com dois ou três alunos, nunca individual porque nós achamos que o individual iria cair naquele regime de “explicação”, e não é isso que se pretende. Este apoio seria dado então a 3 alunos, por universitários que se voluntariariam para vir à escola, isto porque o aluno nunca iria sair da sua escola base. A tutoria seria sempre dada aqui na vossa escola. E então o voluntário vinha não é? Depois teria que se acordar um horário com os alunos e com o voluntário (...)

Diretor: O combate ao absentismo e abandono escolar pode ser tratado noutras vertentes, digamos assim, com... com os pais por exemplo... Este seria só com alunos?

Eu: Com alunos, sim! Porque a ideia seria...

Diretor: Direcionados para as aprendizagens, para a escola É isso não é?

Eu: É um bocado na base de... tentar trazê-los à escola, não seria tanto...

Diretor: Mas trazê-los quê?

Eu: É, é assim não seria, o apoio não pretendia apenas estar ali a perguntar “olha diz-me onde é que tens as tuas dúvidas? Se tens a matemática ou tens a português?” E vamos trabalhar isso. Não é por aí. É primeiro se calhar, hum... uma organização dos horários, mostrar-lhes que é possível conjugar a escola com os gostos deles. Também trazer... Por isso é que nós queremos fazer em grupo porque em grupo há sempre mais dinâmica. Porque eles nesta idade trabalham muito pelos pares, não é? os amigos e as amigas. Por isso se calhar 2 ou 3... “olha, digam o que é que vocês gostam”. Pensar em algumas atividades que eles...

Diretor: Mas olha, mas era trabalhar com alunos hum... que se apresentassem na situação de....? Não é com todos os alunos pois não?

Eu: ... A teoria diz-nos que os alunos que repetem têm mais tendência a abandonar a escola ou entrar em...

Diretor: Em absentismo, sim...

Eu: ... Então nós queríamos se calhar trabalhar com esses alunos...

Diretor: Hum Hum...

Eu: O público-alvo seriam alunos do 7º ano porque é o ano onde existe maior número de retenções, então nós queríamos... pelo menos inicialmente com alunos no 7º ano que já apresentassem retenções anteriores ou que passassem, mas com uma ou duas negativas, que já apresentassem comportamentos nessa linha, inicialmente seria assim. Depois se o projeto realmente estiver a correr bem podemos abranger outros anos, mas inicialmente seria isto. Pronto. E acho que é um bocado por aqui. Porque o que nós queremos realmente...

Diretor: Um grupo de alunos... digamos, o tutor, digamos assim, estaria com...

Eu: Com 2 ou 3! Cada tutor seria responsável por 2 ou 3 alunos e esse tutor todo o ano estaria com esses alunos, não iria estar a mudar.

Diretor: Claro!

Eu: É para se criar uma base de confiança de apoio, depois o aluno até pode começar a pensar...

Diretor: Repare, hum... com alunos de, de risco, digamos assim, são alunos que...

Eu: Sim... que apresentem algum comportamento nesse sentido, sim...

Diretor: Exato... poderia conduzir portanto ao abandono... digamos, ao absentismo!

Eu: Sim, claro, não se pode falar em abandono supostamente porque como a escola é obrigatória e portanto não se pode falar nisso, e lá está...

Diretor: Nós aqui na escola já há muito tempo temos vindo a pensar nisso e já tomamos algumas medidas nomeadamente... como sabes, as retenções no básico devem ser excecionais. Em princípio os alunos até deveriam progredir sempre até ao 9º ano, as retenções só com carácter mesmo excepcional. o que, hum... pronto, o que não se tem verificado. Na verdade verifica-se que as retenções são em número bastante elevado, e em alguns anos de escolaridade mesmo no ensino básico aqui da escola. Nós decidimos em conselho pedagógico que as retenções teriam mesmo em anos intermédios (Não em final de ciclo!), teriam mesmo carácter excepcional! Seria quase obrigatório os alunos passarem, por exemplo do 5º para o 6º, do 7º para o 8º, do 8º para o 9º... é quase que obrigatório! E porquê? Já para prevenir, já para prevenir essas situações, porque nós temos alunos... hum, tínhamos e ainda temos (este ano acho que não), mas por exemplo, no 7º ano com 17/18 anos... estás a ver?! Para além de ser prejudicial ao próprio, é prejudicial ao processo de ensino-aprendizagem, porque eles estão inseridos num grupo onde estão alunos com um nível etário bastante mais baixo e isso traz outro tipo de problemas... Portanto foi uma decisão que nós, na verdade, já tomamos para evitar esse tipo de situações, como também prevenir o absentismo escolar, porque o individuo chega a essa altura e já...

Eu: Já não se sente integrado...

Diretor: Não se sente bem em lado nenhum. Farta-se de faltar e por vezes até temos aquela situação de abandono, de termos mesmo de diligenciar junto das entidades competentes... Portanto este é um problema que aqui na comunidade educativa... Nós temos de nos preocupar com os alunos de risco, mas também temos de nos preocupar com todo o resto, percebes? Até para evitar situações de contágio, porque estes alunos exercem uma influência muito grande nos seus pares.

Mas estamos de acordo: para resolver este problema temos de ir a montante! Temos de prevenir!

Eu: Exatamente! E é essa a nossa tentativa, porque lá está, o *Maia Não Desiste* é um projeto fantástico, mas só atua quando... os alunos só chegam à Dr^a Soraia quando já estão a incorrer em processos de abandono ou de absentismo e este projeto era numa tentativa de... era um trabalho conjunto sempre entre o *Maia Não Desiste* e o *Entre Jovens*. O *Entre Jovens* começando antes de os alunos incorrerem nestes processos e o *Maia Não Desiste*, como já é, quando os alunos já estão em situações de absentismo ou mesmo de abandono, aí sim, tem mesmo de ser a Dr^a Soraia a intervir.

Estes apoios tutoriais são no sentido de fomentar o interesse pela escola, para eles perceberem que a escola não é só a matemática e o português, mas pode ter outras coisas que os motive a estar aqui, que lhes interesse não é? Que eles percebam que a escola também pode ir ao encontro daquilo que eles gostam e, normalmente, os alunos vem para a escola e não encontram nada aqui que os cative, que os motive a estar aqui e se calhar estas sessões tutoriais... primeiro, porque é com jovens que apesar de serem mais velhos, continuam a ser jovens! E acabam muitas vezes por ser um exemplo. Começam a gostar daquela pessoa e a ver naquela pessoa “ah caramba, a pessoa estudou e está a fazer, se calhar, desporto que eu gosto muito (por exemplo) e se calhar se eu estudar também consigo”... acaba por haver uma afinidade maior quando são mais velhos, mas jovens ainda, do que se calhar com um professor. Só a figura do professor já tem aquela conotação... é aqui, se calhar, numa entreaajuda, numa ideia... tentar fazer algo um pouco diferente...

Diretor: E é verdade! Eles estão mais recetivos a ouvir um colega do que um professor. O professor está do outro lado da barreira!

Eu: Hum... quando a este projeto, considera que é pertinente aqui na escola... se haveria alguma abertura...

Diretor: Há, de certeza absoluta! Aliás, nós estamos sempre abertos a isso e este será bem-vindo como todos os outros, até porque é uma realidade, é! Eu não digo em termos de abandono escolar...

Eu: Pois, hoje em dia abandono, nem se pode falar, porque supostamente a escola é obrigatória até aos 18...

Diretor: Exatamente! Quando é abandono nós temos de fazer as diligências que temos de fazer e pronto... No fundo é passar a bola, temos de passar a bola a outros. Eu acho que devemos é trabalhar muito a nível do absentismo porque, hum... porque há alunos que sistematicamente faltam, sistematicamente vem tarde para as aulas e portanto aí é que nós temos de... claro que estas situações podem não levar a situações de abandono! Parece-me que aquilo que nos deve preocupar mais no momento é o absentismo...

Eu: Daí a ideia de criar alguma coisa....

Diretor: Para combatermos a o absentismo, a escola tem que, na verdade, tentar ir mais de encontro aos interesses de cada um. Para isso é preciso identifica-los, numa perspectiva de os fidelizar mais à escola, para que eles gostem de estar na escola, hum... porque isto, repare, o cumprir com a escolaridade obrigatória cumprem, mas será que só por isso... às vezes até me pergunto “porque é que este individuo está aqui até aos 18 anos?”, estás a ver?

Eu: Porque não está a tirar proveito nenhum do que está aqui a fazer.

Diretor: Não está a tirar proveito nenhum daquilo que está a fazer! Então temos de trabalhar no sentido de... mais numa perspectiva de fazer com que eles gostem mais de estar na escola, mas não é só gostar porque se perguntares a esses alunos de gostam de estar na escola “Maravilha!”...

Eu: Não gostam é das aulas! Gostam de estar com os colegas...

Diretor: Pois! “Oh pá, a escola é porreira e tal”. Agora pronto, o problema na verdade não é esse. É uma desmotivação muito grande para as aprendizagens, portanto não estão nessa, como se costuma dizer.

Eu: Pois, e por isso é que se calhar também era importante trabalhar a organização de horários, por forma a eles realmente entenderem que há tempo para tudo, pois por vezes eles pensam que não há tempo para tudo, que se vão para casa estudar já não há tempo para outras coisas e se calhar é importante mostrar-lhes que há tempo...

Diretor: Também, também... que há tempo para tudo, é um facto...

Eu: Mostrar-lhes que a escola está interessada... porque é, lá está é como o Professor disse... é importante ir de encontro ao que eles gostam...

Diretor: Mas sabes, esta desmotivação também tem a ver um pouco com os novos tempos. Hum, não é fácil motivar alunos, sensibilizar pais quando, por exemplo (Atenção que isto é só um exemplo!), se tem em casa filhos que estudaram, tiraram licenciaturas, mestrados e não sei quê e agora não tem oportunidades de emprego! Eles começam a não ver vantagens na escola. E nós temos situações dessas “Professor para que vale a pena estudar? Eu tenho um irmão que há não sei quanto tempo não arranja emprego”... claro que isto não podemos generalizar.

Eu: Aquela promessa da escola, que eu ainda tive... mas hoje em dia já é mais complicado!

Diretor: Mas é outra coisa: nós agora temos até algum problema em falar daquela questão dos valores, mas o que é certo... os alunos tem acesso a... por exemplo, comunicação social, aos programas de televisão... por causa da concorrência que existe pelas audiências, por vezes as televisões concorrem com programas que não nos ajudam nada na escola. Programas que ensinam pouco, isto é, que contrariam claramente aquilo que a escola terá de ter por base no processo de ensino-aprendizagem. Por exemplo, a forma como se vê os adolescentes a falar com os adultos, estás a ver? Aquilo que... a linguagem...

Eu: O desrespeito...

Diretor: Exatamente! Isso depois também se faz sentir... Nós na escola queremos fazer algo de diferente, mas eles chegam mais depressa aos nossos utentes do que nós. Eles estão na sala de aula, para alguns deles está a ser uma seca...

Eu: Para alguns deles é uma tortura!

Diretor: É uma tortura e portanto tudo isto é... mas não podemos desistir e então no ensino oficial isto tem de constituir mesmo um desafio! Temos de trabalhar com todos e para todos, protegendo sempre aqueles que querem trabalhar mesmo, que querem ter quer sucesso educativo, quer sucesso escolar.

Aqui neste caso nós estamos a querer trabalhar é com os outros. Com aqueles que se apresentam com... e a ideia, a vossa ideia é ótima!

Eu: É como o Professor disse há pouquinho: é importante ir de encontro ao gosto dos alunos, mas para isso tem de se conhecer os alunos e a ideia aqui é essa, porque uma

pessoa estando responsável por 2 ou 3 tem muito mais facilidade em conseguir ter conhecimento dos gostos daqueles 2 ou 3 alunos do que... os professores tem de abranger uma quantidade infinda de alunos, é difícil conhecer cada um e os seus gostos, e se uma pessoa tiver uma relação mais direta com 2 ou 3...

Diretor: Agora deixa-me só colocar-te uma questão...

Eu: Diga professor...

Diretor: Tem a ver com a operacionalização. Vocês pretendiam ter isso em todas as escolhas do Concelho, ou só em algumas... como é que é?

Eu: Nós... a ideia seria abranger as escolas do Concelho. Numa fase inicial só os 7º anos, porque este é o ano onde se verifica a maior taxa de retenção, então iríamos começar por aí.

Diretor: Portanto o público-alvo seriam os alunos que frequentam o 7º ano de escolaridade...

Eu: Exatamente!

Diretor: De todas as escolas do Concelho. Mas agora, portanto os “padrinhos”, digamos assim, seriam estudantes que estivessem a frequentar o ensino superior... O recrutamento é fácil?

Eu: É assim, em termos de operacionalização ainda não sabemos bem, porque o projeto ainda está a ser desenhado e afinado, digamos assim. Agora vim às escolas para perceber o que os professores acham em termos de pontos fortes, pontos fracos, porque ninguém melhor do que quem está no terreno, nem quem trabalha diariamente com os alunos e que está numa escola, para saber realmente o que é que pode ser e o que não pode ser...

Diretor: Evidente!

Eu: Depois de o projeto estar realmente desenhado, acabado, aí sim, dou à Dr^a Soraia, vamos ter de o apresentar a quem de direito para sabermos se será ou não aprovado. Mas é assim, eu tenho ideia de que conseguir voluntários não será muito difícil, porque existem outros voluntariados em outras universidades e há sempre alunos disponíveis para participar.

Diretor: A Câmara da Maia trabalha muito bem, tem uma equipa fabulosa, pessoas muito dedicadas à causa... Portanto, tudo fazem para fazer vingar os projetos. E o teu como é um projeto interessante, de certeza absoluta que vai ter aceitação...

Eu: Eu gostava que sim!

Diretor: Mas tens razão, a operacionalização vem depois. Agora tens é de pensar nele e em desenvolvê-lo bem...

Agora deixa-me dizer-te, acho que escolhes-te muito bem o ano de escolaridade! Por muitíssimas razões. Porque na verdade é o início de um ciclo, de um ciclo que, para mim, é sempre o ciclo mais difícil... nós até costumamos dizer que é a idade da parvoíce e é uma mudança... uma mudança... acho que sim, que escolheste muito bem!

Eu: Nós ainda estávamos em dúvida em relação ao ano. Primeiro pensamos o 2º e 3º ciclo. Depois eu pense que para começar seria melhor só o 3º ciclo. Mas ainda assim me parecia um passo maior que a perna. Então fui pesquisar e, já sabia que o 7º ano era o pior, e realmente...

Diretor: É a mudança, é um ano de mudança...

Eu: É! E eu tenho um gráfico onde se nota perfeitamente a diferença da taxa de retenção e desistência muito mais elevada no 7º ano do que nos restantes anos. E como a diferença era tão grande, optei por começar então pelos 7º anos.

Eu queria fazer-lhe uma questão, que é uma coisa em que eu tenho muitas dúvidas mesmo em termos éticos... Normalmente os alunos que são selecionados para estes projetos são alunos que tem dificuldades de aprendizagem ou que apresentam um comportamento menos positivo, que tem piores notas... Então a minha dúvida é... eu tenho sempre medo que seja criado um estigma para estes alunos, que sejam olhados pelos colegas como os “maus alunos”... o que eu queria saber é se o Professor tem alguma ideia, se vocês já tem hábito nisto... como é que poderiam propor estes alunos para o projeto sem que fosse criado este estigma de “lá vão os maus alunos para mais um projeto”...

Diretor: O absentismo está, na verdade, ligado ao insucesso escolar, não há dúvida nisso. Mas, há aqueles indivíduos que não tem sucesso escolar e que não tem por base o absentismo. São alunos assíduos, mas que não conseguem...

Eu: Apresentam mesmo algumas dificuldades de aprendizagem...

Diretor: Nós estamos a falar de um público diferente. O estigma não me parece que seja um problema. Muito sinceramente não me parece. E, por vezes, deixa-me dizer-te, aqueles que se portam mal, que faltam imenso até são tidos pelos outros quase como...

Eu: Populares!

Diretor: Tás a ver?! Este não deve ser um problema. Principalmente a nível de 7º ano. Não é... a sério que não me parece que deva ser uma das nossas preocupações ou focos neste momento...

Eu: Porque eu tenho sempre esta preocupação...

Diretor: Se estivéssemos a falar, por exemplo, de um ensino secundário, aí poderias ter essa preocupação... mas nestas idades, muito sinceramente, não me parece...

Eu: Hum, este projeto seria de carácter voluntário, ou seja, os alunos só participariam...

Diretor: Isso é evidente. Não poderia ser de outra forma...

Eu: E acha que haveria aceitação por parte deles?

Diretor: E por parte até dos pais...

Eu: Sim, sim, sim, isso eu sei!

Diretor: E também por parte dos pais... eu... hum... tudo depende de como as coisas são conduzidas! Nós temos de saber convencê-los de que aquilo que estamos a fazer...

Eu: É positivo para eles...

Diretor: Evidente! E não me parece que isso seja tarefa muito difícil na maioria dos casos...

Eu: Claro que há sempre aqueles que não querem.

Diretor: Mas na maioria dos casos acho que sim. E é como te digo, e quando o processo se desenvolve com jovens, que é este o caso... porque repare, os padrinhos ou os tutores ainda estão no sistema de ensino... tudo é mais fácil!

Eu: Eu penso que o facto de serem estudantes universitários... é aquela coisa do são mais velhos, mas ainda são jovens, não são assim tão velhos...

Diretor: E repara, não há nenhum aluno que não queira um dia ir para a Universidade. Mesmo não tendo sucesso escolar. Isto é um facto! Nós temos miúdos que, oh pá, alunos médios, que enquanto estão no ensino básico tem notas de 2/3, que vão transitando... mas se lhes perguntares “o que é que tu queres ser?”, muitos deles respondem “eu quero ser médico”... Todos, todos ambicionam ir para a universidade, independentemente de tudo...

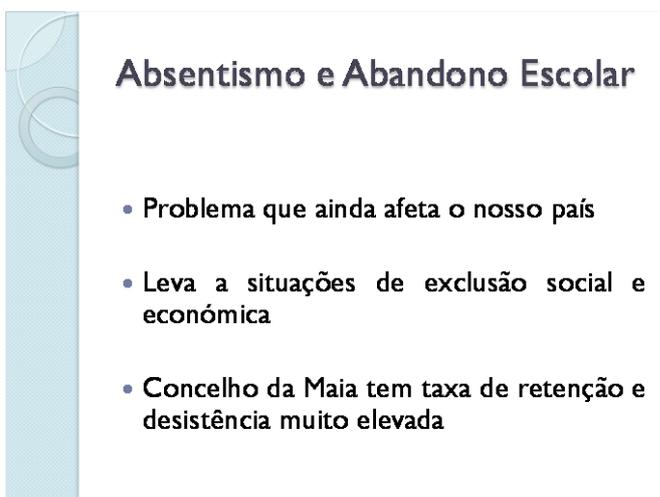
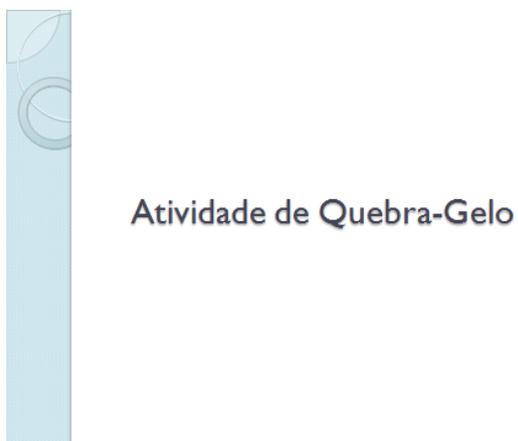
Eu: E daí também ser importante o contacto com os alunos já mais velhos que lhes possam desmistificar essas coisas e ajudá-los na forma de atingirem os seus objetivos...

Diretor: Claro que sim, claro que sim! Pronto...

Eu: Pronto Professor... queria agradecer-lhe mais uma vez por me ter recebido e por me ter dado este contributo para desenvolver o meu trabalho.

Apêndice 5

Power Point's a utilizar nas ações de formação



Entre Jovens – Prevenir o Absentismo e Abandono Escolar

- **Objetivo Geral:** Diminuir a taxa de abandono e absentismo no Concelho da Maia
- **Objetivos específicos:**
 - i) Melhorar os resultados escolares dos/as alunos/as a frequentar as sessões de tutoria;
 - ii) Aumentar o sentido de pertença em relação à escola, no sentido em que estes/as possam sentir-se motivados/as para esta, bem como para aprender, percebendo que esta é o local ideal para a aprendizagem e para um desenvolvimento tanto cognitivo, quanto social e pessoal;
 - iii) Estimular nos/as alunos/as a criatividade, autonomia, autovalorização e autoestima, assim como valores como a solidariedade e a entreajuda;
 - iv) Promover a organização do estudo,
 - v) Permitir aos/às voluntários/as o contato com o terreno/ realidade, aumentando e melhorando as suas capacidades enquanto pessoas, cidadãos/ãs e futuros/as profissionais.

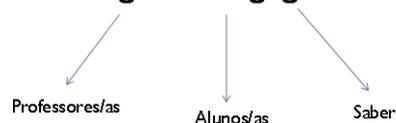
Metas a alcançar e público-alvo

- **Metas:** Melhoria dos resultados escolares dos/as alunos/as a receber apoio tutorial relativamente ao ano letivo transato, numa tentativa de, assim, evitar um futuro comportamento de absentismo e abandono por parte dos/as mesmos/as, reduzindo assim as taxas de retenção e desistência no Concelho da Maia
- **Público-alvo:** Alunos/as que frequentem o 7ºano de escolaridade das escolas do Concelho da Maia

Paradigmas Pedagógicos

- Paradigma da Instrução
- Paradigma das Aprendizagens
- Paradigma da Comunicação

Triângulo Pedagógico de Houssaye



Paradigma da Instrução

- Encontra a sua força no/a Professor/a e no saber
- Alunos/as são encarados/as como ignorantes e incompetentes
- Educação transmissiva e prescritiva

Paradigma das Aprendizagens

- Rejeita o Paradigma da Instrução
- Encontra a sua força no/a aluno/a e no saber
- Apesar de estar relacionado com o desenvolvimento de competências cognitivas e relacionais do que com a apropriação de conteúdos construídos por outros, rejeita a figura do/a professor/a

Paradigma da Comunicação

- Alunos/as, professores/as e saber encontram-se no mesmo nível de importância
- Caracteriza-se pela partilha de experiências entre aluno/a e professor/a, onde o saber e as aprendizagens se constroem nesta partilha de experiências
- Valorização dos mais variados tipos de interações que acontecem em contexto sala de aula (e fora deste) e que poderão vir a ser um fator potenciador das aprendizagens dos/as alunos/as

Qual o paradigma que consideram
que devemos adotar no EJPAAE?

Deverá ser o paradigma adotado
pelos/as tutores/as

- Partilha de Conhecimentos
- Diálogo
- Escuta Ativa

- **Organização do estudo**
- **Gosto pelas aprendizagens**
- **Interesses dos/as Jovens**





Dúvidas/ Questões/ Debate



Ação de Formação 2
Estratégias e métodos a adotar



Para relembrar...

- **Organização do Estudo**
- **Gosto pelas aprendizagens**
- **Interesses dos/as Jovens**

Brainstorming

Motivação dos/as Jovens

“O meu horário”

Horário do/a Aluno/a	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
Manhã							
Tarde							
Noite							



Dúvidas/ Questões/ Debate

Apêndice 6

“O meu horário”

Horário do/a Aluno/a	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
Manhã							
Tarde							
Noite							